

VIDA
DE
HENRIQUE
SUNO

De Cidre da Princesa,
E de Cidre de Lavoura de Princesa,
CASSERINHO
DAS LACRIMAS

N. SENHORA

Por N. LEIZ DE S. J. B.

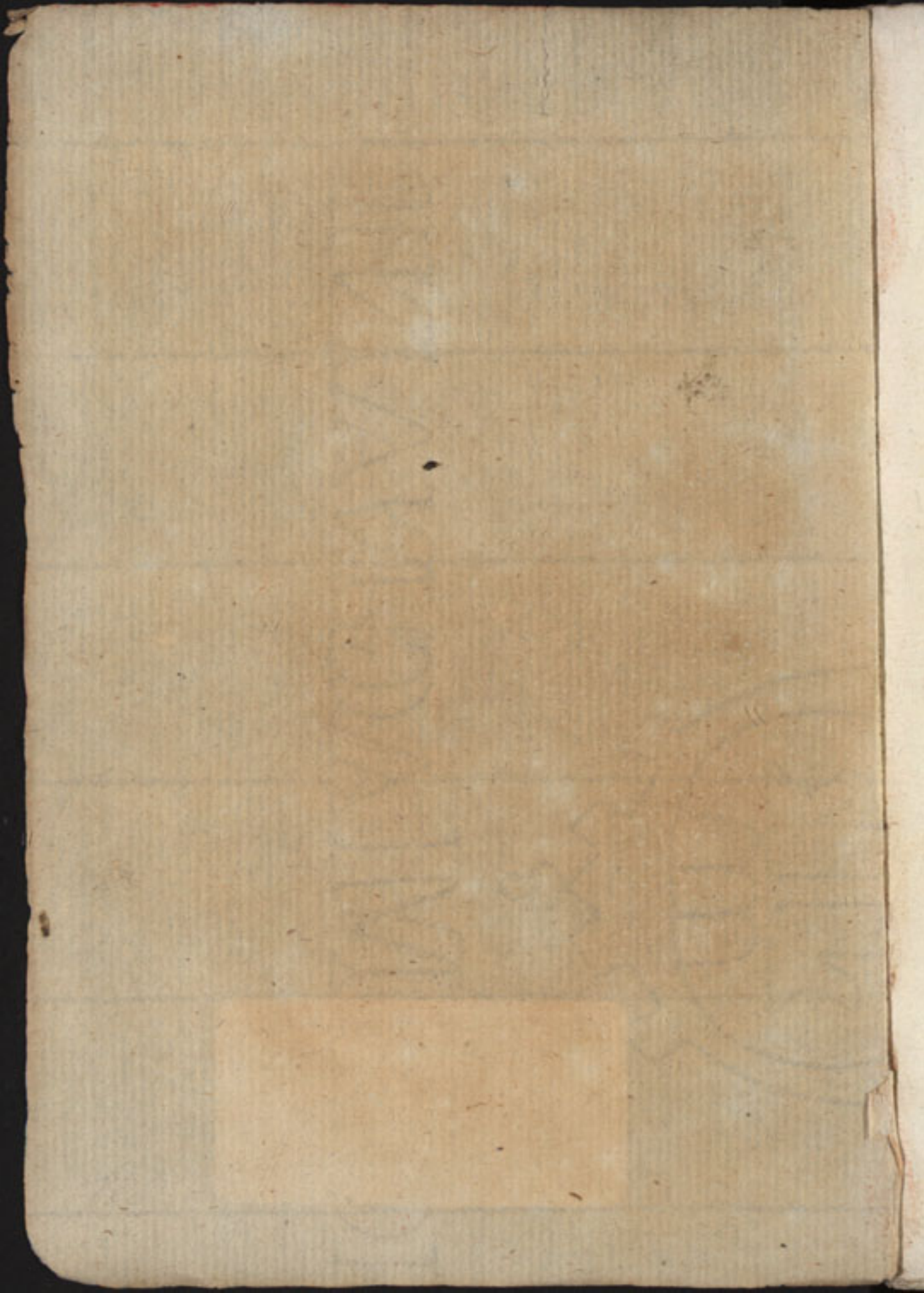
LEZ DE S. J. B.



Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras



1317774012



VIDA
DO BEATO
HENRIQUE
SUSSO

Da Ordem dos Prégadores,
Traduzida de Latim em Portuguez:

CONSIDERAÇOENS
DAS LAGRIMAS
DE
N. SENHORA,

E OUTRAS OBRAS EM PROSA,
e em verso, que andavaõ disperfas.

COMPOSTAS

Por Fr. LUIZ DE SOUSA

Religioso da dita Ordem.

*A que se ajuntou a Vida do mesmo Autor
Juizo sobre os seus Escritos.*



LISBOA,

= N.º 8.077 =

Na Offic. de MIGUEL RODRIGUES,
Impressor do Emin. Senhor Card. Patriarc.,

M. DCC. LXIV.

Com as licenças necessarias, e Privi-
legio Real.

Sala	CF
Est.	E
Tab.	8
N.º	5

Sala B

T

V I D A
D O B E A T O
H E N R I Q U E
S U S O

Do Orden dos Pregadores,
Traducto de Latin em Portuguez

CONSIDERACOENS
D A S L A G R I M A S

D E
N. SENHORA

E OUTRAS OBRAS EM PROSA,
e em verso, que andavão dispersas

C O M P O Z T A S

Por F. LUIZ DE SOUZA

Revisão da dita Orden

A que se assignou a Villa de Lisboa, a 15 de Junho de 1775.



L I S B O A

No Officio de ALGUEIRO RODRIGUES
Impressor de Sua Magestade, e do Real Collegio de S. Carlos

M. DCC. LXXVI

M. DCC. LXXVI

Com os licenças necessarias, e Privilegio Real.

Sols
Est.
Tab.
N.º

V I D A

DO PADRE

Fr. LUIZ DE SOUSA,

e Juizo sobre os seus Escritos.

NO Avizo, que pozémos ao principio da Vida do Veneravel Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que sahio impressa em Janeiro deste anno, dissemos que logo despois determinavamos publicar a Vida do Beato Henrique Suso, e ajuntarlhe as devotissimas Consideraçoes das Lagrimas de nossa Senhora, e algumas obras Latinas, que andavaõ soltas, tudo producção bem digna do insigne Autor da Vida do mesmo Veneravel Arcebispo: e que alli lhe ajuntariamos tambem huma breve noticia da Vida do mesmo Autor, e dos seus Escritos, e o Juizo sobre elles. Agora vamos satisfazer esta promessa.

Fr. Luiz de Sousa, que no seculo se chamou Manoel de Sousa Coutinho, (1) foi quinto filho de Lopo de Sousa Coutinho, Fidalgo illustrissimo do tempo do Senhor Rey D. Joaõ III, e que pelas suas virtudes, talento, e erudição mereceu lugares mui distinctos na vida militar, e conciliou universal respeito da Corte: e de D. Maria de Noronha filha de D. Fernando de Noronha, Capitaõ de Azamor. Logo nos primeiros annos mostrou Manoel de Sousa grande viveza, e genio singular para os estudos, e muito em particular para as Bellas Letras, que cultivou maravilhosamente, e com taõ prodigioso fructo, como o fazem ver os seus Escritos. Passou a estudar Direito á Universidade de Coimbra, como o tinhaõ feito todos seus irmaõs, naõ dispensando seu pai nesta parte nem ainda o primogenito. E perguntando-se-lhe a razão

(1) Fr. Antonio da Incarnação na Vida de Fr. Luiz de Sousa, que vem ao principio do Segundo Tomo da Chronica.

zaõ de o querer assim ? respondeu discretamente : *Que mal lhe tinha feito aquelle filho , para o deixar ignorante ?*

Naõ proseguio os estudos na Universidade ; antes deixando-os logo , entrou na Religiaõ de Malta. E fazendo viagem para esta Ilha , ao sahir da de Sardenha , aonde obrigado de hum grave temporal , e quazi derrotado de todo tinha ido arribado , foi cativo de hum Corsario de Mouros , e juntamente seu irmaõ André de Sousa Coutinho , Cavalleiro tambem da mesma Religiaõ. Levado a Argel , alli achou entre os cativos o illustre , e ingenhozissimo Miguel de Cervantes , com quem logo contrahio estreita amizade. Em testimonho della o introduzio Cervantes em hum Epizodio da sua celebre Novella dos *Trabalhos de Persiles , e Segismundo*. Ajustando-se Manoel de Sousa Coutinho com o Commandante do Corsario em que , ficando seu irmaõ André de Sousa retido no cativoiro , viesse elle

IV

elle á patria negociar o resgate de hum , e outro , passou para Valença em Hespanha no anno de 1575 , julgando que este lugar era commodo para dalli effectuar o a que viera. Aqui teve a triste noticia da infeliz morte de seu pai , que havia succedido em Janeiro deste anno. He successo admiravel , mas verdadeiro. Indo a desmontar-se d'hum cavallo , (na Villa de Póvos) desembainhou-se-lhe a espada : com o movimento que fez ao cahir , ficou de sorte , que forcejando ou para a desviar , ou para a ter maõ ; ella o ferio taõ gravemente , que alli falleceu logo em 28 do dito mez. Jaz na Capella mór da Igreja Paroquial do Salvador da Villa de Santa-rém , de que era Padroeiro , e juntamente sua mulher D. Maria de Noronha.

Estabelecido Manoel de Sousa em Valença , procurou logo o celebre Jaime Falcaõ , cujos estudos eraõ de grande fama em toda a Hespanha , e cujo merecimento Manoel de

de Sousa affirma achára ainda maior do que a mesma fama. Dois annos, que alli se deteve, tratou sempre com grande amizade aquelle sabio homem; venerando-o como pai, e honrando-o como mestre. Elle lhe explicou para sua melhor instrucção a Arte Poetica d' Horacio; o que Manoel de Sousa confessa lhe servira de estímulo para tornar ao estudo da Poezia, que havia deixado. Esta explicação se acha no fim das obras do mesmo Jaime Falção, e nella se mostra clareza, e bom conhecimento do verdadeiro sentimento do Poeta.

Negoceado em fim o seu resgate, e o de seu irmão, voltou para o Reino, e para a Corte, sem que tivesse professado na Religião, que dissemos. Diz-se que tivera razoes forçozas para assim o fazer. Então casou com D. Magdalena de Vilhena, filha de Francisco de Sousa Tavares, Senhora, que fora mulher de D. João de Portugal, filho de D. Francisco de Portugal, primeiro Conde

VI

Conde de Vimiozo, o qual havia ficado na infeliz batalha de Alcacer. Assistia na Villa de Almada, vivendo como bom Cidadão, e cultivando os estudos das Bellas Letras com seus amigos que tinhaõ o mesmo gosto, instituindo, para o fazer melhor, huma Sociedade literaria: e era Coronel de 700 Infantes, e quasi 100 Cavallos naquelle districto.

Por causa do mal da peste, com que Deos ferio Lisboa no anno de 1577, passaraõ os Governadores, que entaõ eraõ do Reino, a rezidir em Almada, por ser terreno mais desafogado, e limpo de toda a corrupçaõ. Eraõ elles (1) D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa: D. Joaõ da Silva quarto Conde de Portalegre, Mordomo mór: D. Francisco Mascaranhas Conde de Santa Cruz: D. Duarte de Castello Branco, primeiro Conde do Sabugal, Meirinho mór do Reino: Miguel de Moura, Escrivaõ da Puridade.

(1) Histor. Geneal, tom. 6. pag. 338.

dade. Repartiraõ entre si as casas da Villa , que lhe pareceraõ mais commodas para cada hum : e naõ obstante terem outras , que lhes podiaõ servir igualmente bem , ordenaraõ a Manoel de Sousa Coutinho despejasse as suas. Assentou elle que a ordem era injusta ; antes nascida de antigo odio , que agora queriaõ satisfazer , abuzando da authoridade publica , para vingança particular. Foi extraordinaria a paixãõ , que Manoel de Sousa concebeu vendo hum tal procedimento ; e deixando-se levar della , rompeu na arrojada determinaçãõ de lançar fogo ás casas : elle mesmo o diz assim (1) : *Cum vehementer animo commotus essem , nova , et inaudita metamorphosi indignantes parietes injuria subduxi ; in fumum , et cineres abiere.* Partio logo para Madrid a informar o Principe do procedimento , de que se usara para com elle , e do modo porque elle mes-

(1) Præfat. Oper. Jacob. Falc. de quib. infra.

VIII

mesmo, perdendo a paciencia; se havia desaggravado. Conhecendo-se a semrazaõ de quem o havia provocado, foi attendido.

No tempo, em que se deteve em Madrid, como verdadeiro amigo, cuidou em ajuntar as obras de Jaime Falcaõ, que seis annos antes havia fallecido nesta Corte, aonde viera chamado de Valença; e as que pôde alcançar, as fez imprimir no anno de 1600. em hum volume em oitavo. Dando occasiaõ o seu inesperado desterro, como elle lhe chama, a naõ ficar em perpetuo esquecimento a memoria de hum homem taõ estimavel; pois naõ se pôde duvidar que Jaime Falcaõ tinha grande ingenho, e feliz imaginaçaõ; e se tivesse a fortuna de estudos mais bem dirigidos, seria hum escritor completo.

Restituido á patria, continuou Manoel de Sousa a mesma vida retirada, e estudiosa, que tinha antes. Persuadido entaõ por seu irmaõ Joaõ Rodrigues Coutinho, que vivia em Pana-

Panamá na America Meridional, a que se passasse áquelle paiz, com a esperança de conseguir copiosos lucros pelo commercio, fazendo-o assim teve a noticia de que lhe tinha fallecido huma filha unica, que havia sido fructo do seu matrimonio. Devia este golpe ser-lhe muito sensivel, muito mais, vendo elle a serie continuada de desgostos, e infelicidades, que a vida inquieta, e tumultuoza do seculo, a que se havia entregue, lhe tinha causado sempre. Meditava nisto largamente, e cada vez se defenganava mais de que não era aquelle o estado, em que Deos o queria. O successo seguinte creio foi quem acabou de o defenganar. Tinha Manoel de Sousa estreita, e fiel amizade com o Conde de Vimioso D. Luiz de Portugal. Allumiado este por huma luz, que os effeitos fizeraõ ver que era do Ceo, abraçou juntamente com sua mulher a vida religiosa. O Conde no reformado Convento de Bemfica, a Condessa D. Joanna de Mendonça

donça no do Sacramento da Corte. Fez este exemplo grande impressãõ no animo de Manoel de Sousa. Afentou que Deos lhe mandava que seguisse o amigo. Por mutuo consentimento seu, e de sua espoza se recolheu elle tambem ao Convento de Bemfica, e ella ao do Sacramento, tomando elle o nome de Luiz, e ella o de Soror Magdalena das Chagas. Em quanto viveraõ, naõ se viraõ mais, nem ainda se trataraõ por escrito.

Professou Fr. Luiz em 8 de Setembro de 1614, nas maõs do Prior, que entãõ era Fr. Joaõ de Portugal, Bispo, que despois foi de Vizeu. Logo mostrou que a sua vocaçãõ era verdadeira, perdendo inteiramente todo o espirito do seculo, de que até alli vivera occupado. Aquelle brio sem limites, aquelle animo altivo, e ardente, que o tinha obrigado a tantos excessos, se tornou em huma profunda, solida, e constante abnegaçãõ propria. Vivia entre os Noviços como o
menor

menor de todos elles ; e depois de professo sempre se tratou entre os Religiosos conforme o mesmo methodo. Tinha no seculo huma grossa tença , logo a renunciou , nem quiz já mais ter dinheiro algum , nem ainda no depozito da Religiaõ. O habito que ella lhe dava , d'elle se fervia , em quanto o podia remendar. As tunicas eraõ de lãa ; nem admittio nunca outro vestido. De lãa era tambem a cama ; duas mantas sobre duas taboas ; huma banca pequena de pinho ; e para se sentar hum tanho.

Naõ se contentava com jejuar os sete mezes , e outros jejuns da Ordem no discurso do anno : ainda se adiantava mais ; e além disto , do que se lhe dava no refeitorio sempre deixava metade para os pobres. Nas penitencias , disciplinas , cilicio seguia sempre a mesma maxima , accrescentar de mais ao que devia de obrigaçaõ.

Em quanto naõ teve a seu cargo escrever por ordem da Religiaõ , tomou sobre si o officio de enfermeiro.

XII

meiro. Nelle mostrou tal desprezo proprio, tal abatimento, taõ rara humildade, que a todos confundia, e edificava. Naõ sómente cuidava, com a maior diligencia, dos medicamentos, fazer as camas, alimpar as cellas aos doentes; mas elle mesmo por suas maõs fazia os ministerios mais despreziveis, e mais servis. E de que consolação, e alivio naõ era com a sua pratica aos enfermos? toda era ou daquelle Senhor, que he faude, e vida, ou para honra d'elle: ocioza, nem humana só palavra se lhe ouvia.

Em seguir o coro, e acodir á Oração era indefectivel. Naõ se satisfazia só com a da Communidade; sempre despois ficava continuando nella largo espaço; antes podemos dizer, que nunca deixava a Oração. Continuamente andava o seu espirito, e a sua boca cheia de Deos. De quanto via, e de quanto ouvia, fazia subir logo o entendimento, e o coração ao seu Creador. De Deos era tudo, arvores de Deos, bosques de Deos, aves de Deos,

Deos , habito de Deos , casa de Deos.

Ao Rozario da Senhora tinha singular devoção. Todos os dias o rezava vizitando o seu altar: e que affectos se não descobriaõ nelle , vendo-o de joelhos , falando com a Senhora todo humilde , todo cheio de respeito , e de piedade ! Mas sobre tudo o que mais nelle edificava , era a cordial devoção do Santissimo Sacramento do Altar : aqui he onde todo o seu coração se derramava em vivos actos de agradecimento , de Fé , e de amor : aqui se elevava , e submergia todo na profunda meditação deste mysterio sacrosanto , e ineffavel : e daqui lhe veio que nunca deixou de celebrar o sacrificio da Missa em toda a sua vida , por mais occupado que se visse : este era toda a sua delicia , e toda a sua consolação.

Foi admiravel a obediencia do Padre Fr. Luiz de Sousa. Não só obedecia em tudo , mas sem allegações , nem replicas , ainda em casos,

casos , em que parece que o podia
 fazer com justiça. Até o seu mes-
 mo juizo mostrou que queria ter
 sujeito agora em desagravo do
 tempo , em que o tinha deixado
 guiar pelas maximas enganozas do
 seculo. Esta foi a causa , porque
 aceitou o cargo de escrever , ainda
 obras , que não eraõ da Ordem. E
 bem se vê que a obediencia , e só
 a obediencia foi quem o obrigou
 a que escrevesse. Mandava-o hum
 Rey ; e a este sempre se deve fazer
 a vontade. Nem menos se póde di-
 zer que o escrever foi no Padre
 Fr. Luiz ambição de honra. Tanto
 era livre della , que nem os estu-
 dos quiz seguir na Ordem , por se
 não obrigar a ser Prégador. E que
 excellente o seria elle , tendo dotes
 taõ singulares para a Eloquencia sa-
 grada , como se vê nos seus escri-
 tos ! Deste modo evitou tambem oc-
 cupar cargos , e ter alguma parte
 no governo : e conseguiu o que
 desejava ; pois sempre foi subdito.
 Mas consideremos a occupaçaõ , que
 tomou

tomou de escrever pelo lado , por onde parece que he justo ; e melhor faremos juizo se foi ambição, ou se foi virtude.

Foi obrigado a revolver Cartorios , e papéis antigos , averiguar letras taõ cegas , e apagadas , que fariaõ perder a vista ainda em annos mais vigorozos ; separar o verdadeiro do falso , ajustar tempos , combinar circumstancias , pezar attentamente os factos , escolhellos , e lançallos depois no papel com acerto ; e isto sem faltar n'hum só ponto ás obrigaçoens de Religioso , ao Coro , á Oração , ás penitencias , bem se pode dizer , que mais era de Santo , do que de homem.

Chegou em fim o prazo dos seus trabalhos : nem foraõ necessarias cautellas para lhe advertir que elle era chegado , e que a doença , que delle era correio , era de morte. Conheceo-o elle muito bem , como quem sempre se havia preparado para aquella hora ; e a cada instante

XVI

tante a esperava. Recebeo com grande piedade os Sacramentos, pedindo humildemente á Communidade perdaõ do seu mau exemplo; e consolando-se muito de acabar entre irmaõs taõ santos, fiado em que pelas suas oraçoens entraria o Senhor em juizo com elle benignamente, naõ se lembrando do que elle fora algum dia, e agora muito do coraçãõ sentia ter sido. Falleceo no mez de Maio de 1632. Jaz no antecoro do Convento de Bemfica, junto aos degraus, que sobem para o coro.

Ainda no seculo escreveu varias obras, que temos impressas, e vaõ no fim deste volume quasi pela mesma ordem, por que sahiraõ. Humã só naõ pudémos alcanzar, intitulada *Navigatio Antartica ad Doctorem Franciscum Guidum, civem Panamensem*, de que faz mençaõ na sua Bibliotheca o erudito Abba-de Diogo Barboza Machado, que informando-nos com elle do lugar, em que a poderiamos descobrir, nos pro-

protestou ingenuamente se não lembrava, pois aquella memoria, de que se servira na Bibliotheca, lhe não podia occorrer donde a havia conseguido. Além destas obras achámos mais hum Soneto no principio do Livro intitulado *Casamento perfeito*, escrito por Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do insigne Theologo deste mesmo nome.

Na Religiaõ escreveo primeiro a *Vida do Veneravel Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, que offereceo á Camera de Vianna, que generosamente a fez imprimir na mesma Villa, em hum volume em folio no anno de 1619, e nós publicámos agora segunda vez, como já dissemos assima. Esta obra sahio traduzida em Francez no anno de 1664. X

Escreveo mais a *Primeira parte da Historia de S. Domingos, particular do Reino, e Conquistas de Portugal*, que se imprimio em 1623, tendo sido composta das memorias, que deixara ainda informes o Padre

XVIII

Fr. Luiz de Cacegas. *A Segunda Parte da mesma Historia*, que se imprimio em 1662, já depois da morte do Autor, pelo Padre Fr. Antonio da Incarnaçãõ, que lhe ajuntou hum Prologo, e Noticia da vida do Autor, donde tirámos muito do que temos dito, por ser Autor coévo, e fidedigno. Só nos não pudémos determinar a seguillo no que toca ao motivo, que refere tivera Manoel de Sousa para deixar o seculo. Não achamos na informaçãõ do peregrino, que se diz vir de Jerusalem, e mais circumstancias, motivo que baste para nos fazer este successo crível. Esta foi a razaõ, porque assentámos em outra causa. *Tercera Parte da mesma Historia de S. Domingos*, impressa em Lisboa em 1678.

Tinhaõ-se impresso já duas obras do Padre Fr. Luiz de Sousa, huma no anno de 1645, e he a das *Consideraçoens das Lagrimas que a Virgem nossa Senhora derramou na Sagrada Paixaõ*, repartidas em dez
passos,

passos, para a devoção dos dez sábados: outra em 1642, e he a *Vida do Beato Henrique Suso Dominicano*, traduzida de Alemaõ em Latim por Fr. Lourenço Surio, e de Latim em Portuguez por Manoel de Sousa Coutinho. Estas duas obras he esta a terceira vez, que se imprimem.

Deixou tambem escrita a *Vida do Senhor Rey D. Joaõ III*, a qual tendo adiantado quasi até o fim, lhe foi mandada pedir por Philippe IV, Rey de Hespanha em huma carta escrita pelo Secretario Francisco de Lucena em 9 de Janeiro de 1632, e lhe naõ tornou a ser restituída. O Desembargador Ignacio Barbosa Machado, cujas letras saõ bem conhecidas neste Reino, que lhe deve o tello illustrado com os seus escritos, nos seguiu que seu irmaõ o Padre D. Jozé Barbosa, sujeito de conhecida literatura, e talento, tinha visto esta obra do Padre Fr. Luiz de Sousa na livraria do ultimo Marquez de Gouvea com este titulo *Cronica*

nica do Frade ; mas infelizmente não pudéra ter meio de a fazer copiar.

Resta-nos agora satisfazer ao segundo ponto , a que nos obrigámos , e he , fazer juizo sobre o merecimento dos escritos do Padre Fr. Luiz de Sousa. Como não he tanta a nossa confiança , que descansemos sómente sobre o nosso conceito ; encostaremos o que dissermos á grave autoridade de muitas pessoas de perfeito gosto , juizo solido , e ajustada critica , com quem temos muitas vezes conferido sobre a presente materia.

He sem duvida , que teve o Padre Fr. Luiz de Sousa as mais excellentes qualidades para escrever perfeitamente. Até para isso lhe servio o seu nascimento , pela acertada educação , que recebeu de seu pai. Os seus talentos naturaes eraõ hum ingenho vivo , e fertil , huma imaginação copioza , e feliz , hum juizo solido , e claro , hum animo briozo , e amante da verdade. Estes talentos aperfeiçoados com o
trato

trato continuado dos homens mais sabios, e polidos do seu tempo, o commercio das pessoas mais civís, e conhecimento do mundo, não podia deixar de produzir nelle hum sujeito eminente. Assim succedeo: e o vemos nos seus escritos. E principiando pela Vida do Arcebispo santo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres: que evidente prova do que temos dito não he esta escriptura?

Creio que não necessito de fazer agora aqui hum tratado methodico de como se deve escrever Historia, para ser perfeita, e completa: isto pareceria obra indiscreta, e intempestiva. Mas não posso escuzarme de apontar huns principios geraes, e certos, para desta sorte proceder sem engano. He certo que he necessario em quem escreve Historia *Juizo*, *Eloquencia*, *Probidade*: *Juizo* para averiguar, escolher, e dispor os fatos: *Eloquencia* para os explicar, e fazer sentir com toda a sua força, pezo, formozura: *Probidade* para não faltar á verdade,

de, e exprimir tudo de tal modo, que instrua, e aproveite aos costumes, sem declamar. Tutto isto parece que se acha nesta Vida do Santo Arcebispo. Naõ se escreve nella factõ, que naõ seja digno da posteridade, ou para lhe fazer ver, como Deos previne, e dá anticipadamente a conhecer os que tem destinado para obrar coisas grandes: desta natureza he o caso succedido ao Arcebispo, sendo ainda menino, com o pobre, que veio pedir esmola a sua mãi, que se achava no sitio da Torrugem: e aquella inclinaçãõ aos Religiosos da Ordem de S. Domingos, a que depois honrou tanto. Isto a huma critica mais severa, e mais forte, pareceria alheio da seriedade da Historia; mas quem olha pelo lado mais conforme á piedade, e filozofia Christãa, até aqui reconhece sabia maõ de Mestre. Como tambem quando descrevendo a pobreza da sua mesa Archiepiscopal, o pouco commodo nas suas visitas, o parco tratamento da sua casa; a familia-

miliaridade ; com que se intertinha , ainda com os mais humildes dos seus subditos , a escacez , com que se vestia : porque tudo isto ensina suavemente que he proprio de hum Prelado perfeito viver pobremente , familiarizar-se com os pequeninos , seguindo o seu exemplar Jesu Christo ; e em fim confirma os homens no conceito de que a Providencia nunca deixa de assistir aos seus , entre os maiores perigos , como em o da ferra de Barrozo , e da casa , em que o Arcebispo se não quiz recolher , e logo despois se arrouinou.

E que direi eu dos outros factos de maior vulto , e a que esses severos criticos só querem admittir? Como os escolhe sabiamente o Padre Fr. Luiz de Soufa , e como os dispoem? Quando representa o Arcebispo votando no sagrado Concilio de Trento : nos Consistorios de Pio IV , advogando pela dignidade Episcopal ; nas Cortes de Philippe II, conservando toda a honra da sua
Pri-

Primazia, bem se vê em todas estas occasioens o Arcebispo, grande, generozo, nobre; mas santo. E tanto nestes, como nos casos precedentes parece que bem mostra o Historiador o seu juizo.

Alguns successos ha, nos quaes parece que da parte do Arcebispo houve algum excesso no proceder: tal he, acaço, o modo, porque se houve na alçada de D. Pedro da Cunha, escrevendo a ElRey; o do Ouvidor de Chaves; o da revolução do povo de Braga na morte do Cardial Rey. Estes successos era bem delicado referillos sem offender ou a memoria do Santo Arcebispo, ou a autoridade do Principe. Mas o Padre Fr. Luiz de Sousa, a meu ver, procedeu com rara discrição, e acerto. Refere o que na verdade se passou; mas ou deixa a cada hum, que lê, fazer juizo sobre o successo, ou se deixa entender sómente mostrando que o zelo forte, ainda que nascido de boa intenção, foi quem moveo o grande

Pre-

Prelado , e que taes acçoens são daquellas que se devem admirar , sem que sirvão de exemplo para a imitação. E quem assim procede na escolha dos factos , no modo de os conceber , e de os exprimir , creio que dá boa prova do seu juizo. Deixo á parte falar no bem arrimado , e bem assentado de cada hum , que he com tal arte , que , observada bem attentamente toda a historia , se conhece que nenhuma das partes defmente do seu todo em couza alguma. He certo que não póde achar-se ordem mais bem regulada. Chegasse ao fim , e se d'alli , como de hum lugar alto , se lançaõ os olhos por todos os agradaveis sitios , por onde se tem passado , tornados agora a ver enchem de nova alegria , e deixaõ conhecer toda a sua proporção , e formozura.

Passemos á *Eloquencia*. Se he eloquente aquelle , que não só concebe as cousas clara , e solidamente , mas com certo modo grave , e polido ; e depois as exprime com
huma

huma dignidade sãa , nobre , viva , e natural ; certamente foi eloquente o Padre Fr. Luiz de Sousa. Mas isto ainda se prova melhor pelos effeitos , que o coração experimenta no que ouve , ou lê. Ninguem (se lê attentamente o Padre Fr. Luiz de Sousa) deixa de sentir que aquella he a linguagem , que o coração falla , e que o seu proprio coração desejava ter falado assim , ou que lhe não falassem de outro modo. Isto experimento eu em mim : isto mesmo confessaõ as pessoas de mais puro gosto , que experimentaõ tambem : e daqui infiro que me não engano. Devo confessar , que isto mesmo me succede na liçaõ do nosso Barros , e do Padre Joaõ de Lucena. Oxalá que despois de bem estudadas as verdadeiras regras da Rhetorica , e da Critica , se averiguasse , e pezasse bem quanto valem estes grandes homens ! Nelle se veria que , ou descrevaõ lugares , ou refiraõ batalhas , ou representem caracteres , ou ponhaõ alguém falando ,

nun-

nunca degeneraõ dos Antigos Me-
 tres. Agora podia produzir larga-
 mente bons testemunhos para prova
 do que digo ; mas receio ser exten-
 so. A cada passo se encontraõ tan-
 to na Vida do Arcebispo , como na
 Chronica de S. Domingos. E naõ
 posso concluir melhor o que respei-
 ta a esta parte , do que trasladando
 aqui , para prova do que tenho dito, o
 juizo de hum homem sabio , e bem
 eloquente (1) : *Que aqui se vem jun-
 tamente praticadas todas as leys da
 Historia que o esilo he claro
 com brevidade , discreto sem affe-
 ctaçaõ , copioso sem redundancia , e
 taõ corrente , facil , e notavel , que
 enriquecendo a memoria , e affeico-
 ando a vontade , naõ cansa o enten-
 dimento. . . .*

*Que , ainda que faltaõ aquel-
 les casos , e nomes estrondosos , que
 por si mesmos levantaõ a penna , e
 daõ grandeza , e pompa á narraçaõ
 he admiravel o juizo , dis-
 cri-*

(1) O Padre Antonio Vieira na Ap-
 provaçaõ do Terceiro Tomo da Chronica.

crição, e eloquencia do Autor; porque falando em materias domesticas, e familiares todas refere com termos taõ iguaes, e decentes, que nem nas mais avultadas se remonta, nem nas miudas se abate: dizendo o commum com singularidade, o similhante sem repetição, o sabido, e vulgar com novidade, e mostrando as cousas, como faz a luz, cada huma como he, e todas com lustre.

A linguagem tanto nas palavras, como na frase he puramente da lingua, em que professou escrever, sem mistura, ou corrupção de vocabulos estrangeiros, os quaes só mendigão de outras linguas os que são pobres de cabedades da nossa taõ rica, e bem dotada, como filha primogenita da Latina. Sendo tanto mais de louvar esta pureza no Padre Fr. Luiz, quanto a sua lição em diversos idiomas, e as suas largas peregrinaçoens em ambos os mundos o naõ poderaõ apartar das fontes naturaes da lingua materna;

como

como acontece aos rios, que vem de longe, que sempre tomaõ a cor, e sabor das terras, por onde passaõ.

A propriedade, com que fala em todas as materias, he como de quem as aprendeo na escola dos olhos. Nas do mar, e navegaçaõ fala como quem o passou muitas vezes: nas da guerra como quem exercitou as armas: nas das Cortes, e Paço como Cortezaõ, e desengana-do: e nas da perfeiçaõ, e virtudes religiosas, como Religioso perfeito. Até aqui aquelle sabio, e eloquente homem. E com isto julgamos ter abonado bastantemente a eloquencia do Padre Fr. Luiz de Sousa.

Quanto á *Probidade* parecia escuzado mostrarmo-la em o Padre Fr. Luiz de Sousa, despois de ter dito que elle foi eloquente (1), e que praticou a vida que deixamos escrita. Mas o certo he que quando lemos os seus escritos, logo alli vemos

(1) Vide *Quinçtil. lib. 12. Instit. Orat. cap. 1.*

vemos hum Historiador prudente, bom, verdadeiro, Christaõ, o que he mais que tudo, e que nunca perde de vista a Religiaõ Sacrosanta, que professa. Alli estamos vendo hum Christaõ cheio do espirito, que o Evangelho imprime a quem o medita; aquelle espirito manso, humilde, caritativo, mas ao mesmo passo nobre, generoso, grande; o qual está contando á posteridade, para seu bem, o que elle presenciou. E daqui nasce no coração hum gosto singular, que ao mesmo tempo, que o recrea, o excita para se aperfeiçoar. He esta huma falta, que se acha em alguns modernos, aliàs sabios, e judiciosos, e lhe não posso desculpar. Escrevem nobremente, mas respiraõ huma filozofia humana, hum ar profano, de sorte que, lendo-os, mais me parece que tenho nas mãos hum Genticio creado nas trevas da Infidelidade, do que hum homem que teve a felicidade incomparavel de professar a Religiaõ verdadeira.

Temos

Temos satisfeito ao que pertence á Historia , que o Padre Fr. Luiz de Sousa escreveu como sua propria. A *Vida do Beato Henrique Suso* he hum perfeito exemplar da traducção , quanto á substancia , e verdade da materia ; mas no estilo, e fraze excede grandemente o original.

As *Meditações das Dores da Senhora* são obra perfeitissima. Não se póde escrever nada mais cheio de ternura , e de piedade para com a Mãe de Deos. O coração , que ama fielmente , descobre alli os affectos mais puros , e mais vivos ; até a linguagem he simples , e devotissima ; parece do Ceo.

Quanto ás composições Latinas. Bem se vê que o Padre Fr. Luiz de Sousa soube a lingua Latina com perfeição bastante. Aquelles criticos , que unicamente podem julgar de huma palavra só per si , (como já a respeito de algum disse o ingenhozo Pope) acharão que lhe notar ; mas os que tem bom gosto conhecerão , que o ha nas composições

siçoens Latinas do Padre Fr. Luiz, ainda quanto ao que he rigorosamente latinidade. Huma, ou outra palavra de idade menos nobre he defeito, com que o bom Critico se não offende (1). Em fim os versos Portuguezes, e Hespanhoes parece-nos que sem escriptulo podemos dizer nos não satisfazem quanto desejaríamos.

E aqui nos occorre naturalmente que quem tiver lido, o que deixamos escripto, póde dizer que talvez temos parecido hum pouco encarecidos a respeito do merecimento do Padre Fr. Luiz de Sousa, e que apenas agora lhe queremos confessar algumas venialidades nos seus escriptos, havendo aliás nelles defeitos notaveis. Que mostra paixão pelo Arcebispo; que na Chronica a não mostra menos pela sua Ordem; que ás vezes se detem em fazer descripçoens com desejo de parecer

(1) Non ego paucis offendar maculis, quas aut incuria fudit, aut humana parum cavit natura. Horat. Poet.

cabiaõ dentro nas forças ordinarias da natureza : que se distrahe para escrever cousas, em que só parece quiz ostentar que sabia falar nellas: que o seu estilo ás vezes he diffuso, e redundante, e tem demaziada simplicidade, e talvez falta de elegancia: e com estes defeitos como se póde ajustar o que diffemos do seu *juizo*, da sua *eloquencia*, e da sua *probidade*?

Confesso que estes defeitos são graves, e que per si só deslustrariaõ grandemente hum Escritor; mas eu hei de mostrar que muitos delles não os ha no Padre Fr. Luiz de Soufa; e esses, que ha, não diminuem a excellencia dos dotes, que eu apontei, e fiz ver nelle, e que sempre fica salva a sua autoridade, e merecimento.

Quanto ao dizer-se que parece ter paixãõ pelo Santo Arcebispo: telahia o Padre Fr. Luiz de Soufa, se ou lhe occultasse os defeitos, ou lhe amplificasse as virtudes. Quem lhe confessa genio ardente, e forte,
e se

é severo, quem mostra que elle se enganou algumas vezes, não merece nome de apaixonado. Em abono da sua Ordem he necessario que refira o que acha provado; e tambem he justo que assim o faça; e se alguma vez parece que lhe não devia ter sido bastante a prova, esta culpa *ab honestissima sane causa profecta*, como disse hum sabio Critico a respeito de Tito Livio. A origem da Inquisição, que attribue á sua Ordem; S. Gonfalo d'Amarante, que conta entre os Santos della; Fr. Soeiro Mendes, que dá por Portuguez, são cousas, que prova com documentos.

Assim he que se detem em descrever lugares como Poeta, por exemplo, o Convento de Bemfica; mas além de que nesta parte he boa satisfação o exemplar que imitou, e o affecto que lhe merecia huma Casa, onde tinha recebido do Ceo graças especiaes; he certo que isto não he improprio na Historia, a qual *est . . . proxima poetis, et*
quo-

quodammodo carmen solutum, como diz hum grande Mestre (1). As autoridades Latinas são muito raras, e muito breves, e nesta parte condescendo com o seu seculo; e assim ao menos, não desmerece perdaõ. Os documentos, que metteo na Chronica, podia escuzallos, assim he; mas ou julgou que a natureza desta escriptura lho permittia, ou que alli se conservariaõ mais seguros para todo o tempo.

Quanto a dizer-se, que parece fer hum tanto credulo, e menos critico em alguns factos: o Padre Fr. Luiz de Sousa era homem de piedade, e prudencia singular: creio que vendo os seus documentos, ao tempo de escrever dizia comfigo com melhor razaõ, do que Livio (2): *Mibi vetustas res scribenti, nescio quo pacto, antiquus fit animus; et quedam Religio est, que prudentissimi viri . . . suscipienda censuerunt, ea pro indignis habere, qua*

(1) Quinct. l. 10. Cap. 1.

(2) L. 43. Cap. 13.

qua in meos annales referam. E isto mesmo podiamos responder ácerca das visões, e dos milagres; a sua piedade certamente foi causa de se inclinar mais a referillos.

Se parece que se desvia do seu caminho para descrever ou o sitio de Mazagaõ, ou as festas da Trasladação do corpo do Santo Arcebispo: no primeiro caso o amor da patria o justifica: no segundo o agradecimento ás finezas, que a Villa de Vianna tinha obrado em obsequio do mesmo Santo Arcebispo, e da sua Ordem. Se o estilo parece alguma vez difuso, não he com excesso; e a clareza singular, e a graça maravilhosa, com que sempre propoem o que diz, faz que possamos dizer, que a brevidade tão estimavel no Historiador *diversis virtutibus consecutus est*, como Quinctilianno diz de Tito Livio a respeito de Salustio. A simplicidade, que Fr. Luiz tem, sempre he nobre, ainda em os casos, em que parece seria difficiltozo que assim fosse. O successo

acon-

acontecido á comitiva do Arcebispo nas alturas de Barrozo, sendo coufa em si humilde, conserva em a narraçãõ todo o decoro, que se podia desejar. E deste modo concluímos a respeito do Padre Fr. Luiz de Sousa, como hum dos mais sabios, e eruditos professores da Eloquencia, que a Europa vio neste seculo conclue a respeito de Tito Livio (1): *Ita præstitit ut si minus, ceteris omnibus dicendus est præripuisse palmam, certe nulli secundus haberi possit: ac si Historiarum scriptori utile dulci miscere sufficeret, frustra quidquam perfectius inveniatur. . . . paullulum claudicavit, et humani aliquid passus est; sed ita, ut culpam causa culpæ elevare plerumque videatur.*

Tenho satisfeito o a que me obriguei no Prologo que fiz á Vida do Santo Arcebispo: e á vista do que até aqui tenho escrito parece, que não comecei desafortadamente a resuscitar os nossos primeiros

(1) In Præfat. ad liv. Histor. prop. fin.

ros Escriitores pelo Padre Fr. Luiz de Sousa , para delle passar a outros, que nos restaõ , e saõ em maior numero do que cõmummente se julga. Espero conseguir o meu projecto pela protecçaõ do nosso Augusto Soberano , e pessoas , que amaõ o bem publico dos seus naturaes. Pois devo confessar o que experimento : ainda ha aquelles briozos animos antigos , bons compatriotas que estimaõ a honra , e as letras , e desejaõ ou imitar , ou igualar os que mais patrocinaõ os estudiosos. Quanto a dizer-se , que só entre nós he proprio o criticar malignamente , he grande erro. Naõ succede entre nós nesta parte nada mais do que succede entre as outras naçoens : se ha invejosos , e malignos , ha muito quem estime o estudo , e a applicaçãõ. Ao bom Cidadãõ toca o consolar-se com o bem que faz , amar a quem o patrocina , e a quem lhe inveja , olhar para elle conforme a Lei da Religiaõ verdadeira. A benigna aceitaçaõ , que experimento, fará

fará que desattenda qualquer critica menos judicioza. Esta he a minha resoluçãõ , e continuar em servir a patria quanto eu puder.

Resta agora trasladar aqui as autoridades dos homens sabios , que falaraõ sobre o merecimento do Padre Fr. Luiz de Sousa , ou o honraraõ pelos seus talentos. Primeiramente.

O eruditissimo , e sabio Critico D. Nicolau Antonio Tom. 2. Bibliot. Hisp. pag. 52.

Ingenium elegans , excultumque etiam Rhetoricis , atque Humanitatis artibus , judicium in paucis maturum , miraque , ac exquisita Lusitani sermonis facundia.

João Soares de Brito Theatro Lusit. litt. L num. 47.

Praclarum Lusitanae eloquentiae specimen.

Manoel de Faria e Sousa. Tom. 1. dos Commentos das Rim. de Cam. Juizo das Rim.

Fué un Cavallero de mucho ingenio , y tan instruido en las letras humanas , que bien pudo juzgar de
inge-

*ingenios superiormente ornados del-
las . . . Escritor nó menos cuerdo,
que elegante.*

Fr. Agostinho de Sousa na sua
Censura dada em 16 de Setembro
de 1622.

*Estilo grave , e elegante , sen-
tenciozo , com brevidade , e clareza
juntamente , que em poucos se acha.
Linguagem natural , corrente , e cor-
tezãa , com termos taõ proprios , si-
gnificativos , e efficazes , e longe de
affeites , e artificios viciozos , que
sem encarecimento podemos affirmar,
que dos livros , que até o presente
saõ escritos em Portuguez , nenhum
se achará de mais policia , e per-
feiçaõ.*

Manoel Severim de Faria: Disc.
var. Disc. 2. da ling. Portug. *Esta
parte . . . (fala da Historia) taõ
estimada , da eloquencia , se vê perfei-
tamente exercitada em varias histo-
rias , compostas em nosso vulgar . . .
Baste-nos por hora tres , que saõ
João de Barros , e os Padres João
de Lucena , e Fr. Luiz de Sousa ;
dos*

dos quaes Joaõ de Barros he tido por varaõ consummado naquelle genero de escriptura . . . O mesmo podemos dizer do Padre Joaõ de Lucena . . . E das obras do Padre Fr. Luiz de Sousa se naõ podem esperar menores louvores , que o tempo qualificador dos ingenhos lhe concederá brevemente nas outras provincias , como já lhos tem começado a dar neste Reino.

O erudito Abbade Diogo Barboza Machado na Bibliotheca Lusitana pag. 145. Tom. 3.

Toda a pureza do idioma Portuguez , toda a elegancia do estilo Romano , e toda a pompa do artificio Rhetorico se tem Religiosamente observado nesta historia , em cujo theatro apparecem diversas figuras mais ornadas , quando mais despidas de pompozos epitetos , explicando altos conceitos com termos humildes.

PROLOGO

A O LEITOR

*TIRADO PARTE DA CARTA
dedicatoria que Lourenço Surio fez no
principio das obras deste Santo varão,
traduzidas do mesmo Surio de Ale-
mão em Latim; parte do Prologo que
o mesmo auctor fez ante o principio
da vida, que aqui vai tresladada em
vulgar, & de outros Auctores.*

A Vida (diz Surio) do Beato Henrique Sulo, ainda que dif- fusa , não contém todos os seus feitos dignos de memoria , mas só huns poucos dos muitos que obrou: aquelles , que lhe pareceo manifestar debaixo de nome alheo. Porém no livro , que nos veo á mão escrito na lingua vulgar Tudesca (de que traduzimos alguns trabalhos , & estudos seus) se contaõ algumas cou- fas ainda que sem nome de Autor , as quais não se achão nesta sua vida mais larga ; mas pareceo bem pro-
polas

polas aqui , por evitar prolixidade, se as acrescentassemos a mesma vida. No baptismo lhe foi posto o nome de Henrique porém tanto que veo ao admiravel grao de santidade ; a que chegou , Deos lhe mudou o nome de Henrique em Amando , o qual elle em quanto viveo não quis manifestar por humildade ; mas achou-se depois de sua morte entre as revelações que o Senhor lhe tinha feito em vida , como o mesmo Deos lhe puzera este nome pera declarar o singular amor divino , em que seu coração andava abrazado. O sobrenome não quis tomar do pai , posto que fosse de nobre , & conhecida geração , mas tomou o appellido da mãe matrona santissima , para se estimular a seguir suas pisadas , & imitar suas virtudes , & assi não se chamou Henrique Montense como seu pay , mas Henrique Suso como sua mãe. Tanto que tomou o habito de S. Domingos no mosteiro de Constancia , logo aproveitou muito na virtude : & sendo mandado aos estudos a Colonia fez

fez tais progressos nas letras, que estava já pera receber o grau de doutor em Theologia, quando lho prohibio o Espirito do Senhor Iesu. Dizendo que allás estava ensinado para se aproveitar a si, & aos outros na prégação, & por tanto, que deixasse de tomar o titulo de honra. Logo que comessou a prégar o fazia com tanto fervor, & efficacia de espirito que veo a ter grande nome de prégador Euangelico. No prégar tinha este modo de dizer, quando queria persuadir alguma cousa, & fazer attentos os ouvintes: Ouvi, dizia, vos rogo que dá brado Suso, que conforme o seu nome soa, o mesmo que levantar com seu dizer o Auditorio para o alto Ceo (porque Suso em Tudesco he o mesmo que *sursum* em Latim, que quer dizer no Portuguez, pera cima) Destas, & outras semelhantes formas de dizer usava na prégação mui vivas, as quais se não podem bem declarar no Latim, & por conseguinte, nem no Portuguez. Os seus escritos teve muitos annos
escon-

escondidos com proposito de que ninguem os visse se não depois de sua morte, & isto por sua modestia, & recolhimento grande, até que o começou a espertar hum escrupulo que em quanto vivia os desse a ler ao seu prelado para que podesse facilmente dar razão das duvidas que nelles se achassem, porque podia succeder que alguns idiotas (de cujos juizos se não deve fazer muito caso) com animo danado não pondo os olhos na pia atenção do Autor, antes por sua rudeza, & falta de letras, não penetrando a substancia dos escritos, os quizessem morder, & o que mais era pera temer, podião vir depois d'elle morto a mãos de alguns frios na virtude, & faltos de espirito, que não porião cuidado algum pellos tirar a luz, & communicar aos pios, & dezejosos de os ver, para louvor do Senhor, antes os poderião mostrar primeiro aos faltos de discurso, & razão natural, & mal acostumados, os quaes por sua malevolencia os sepultarião como muitas vezes
acon-

aconteſſe. Tomando pois diſto con-
 fiança, tirou de ſeus eſcritos as pro-
 poſiçoens mais principais, & mais
 difficuloſas, & deu as a rever a
 hum Doutor em Theologia grande-
 mente alumiado no eſpiritu do Se-
 nhor dotado de grandes partes, &
 dotes dalma que então era Provin-
 cial dos frades Prégadores em Ale-
 manha, por nome Bartholomeu, o
 qual as leo com muita attenção, &
 cuidado, & deu ſobre ellas ſeu pa-
 recer, aprovandoas por todas as vias,
 & modos que ſe requerem, decla-
 rando ſerem pontualmente confor-
 mes ás Sagradas Letras. E como apos
 iſto quizeſſe entregar ao meſmo
 Doutor Bartholomeu todas as outras
 ſuas obras de menos deſſiculdade
 pera que as examinasse, fallecendo
 o Doutor neste meo tempo, não po-
 de ter effeito o ſeu bom dezejo, de
 que ſe comeſſou a entriſtecer, &
 magoar muito, não ſabendo que fi-
 zeſſe: mas orando por iſſo mui de
 veras a Noſſo Senhor pera que foſ-
 ſe ſervido manifellarhe o que mais

Ann O

d

convi-

convinha, appareceolhe o dito Theologo cercado de grande luz, & disse-lhe que a Deos era mui agradavel o divulgar elle seus escritos, & communicalos a todos os pios; o que fez muito de coração. Dos quaes escritos (diz o mesmo Surio no prologo citado pouco depois do principio) a estimação, que se deve fazer, poderá só conhecer, quem os ler não de passagem, & comprimento, nem só por curiosidade de achar cousas novas, mas com observação religiosa, & pia attenção, porque creio não averá coração tão de pedra que pondo boa deligencia, & cuidado nesta lição, não aja de sentir em si nova luz da divina graça, & tal mudança, qual nunca experimentou, porque de proposito em todos os seus escritos o que mais procurou he dar luz aos cegos coraçoes, trazendoos ao devido conhecimento de feu Criador, desprezo do mundo, & amor de Deos.

O mes-

*O mesmo Surio no prologo antes da
vida do Sancto Henrique Suso.*

O Sancto Henrique Suso foi va-
rão de grande Santidade, escla-
recido com muitos milagres, quasi da
primeira idade fes huma vida a pou-
cos imitavel. Teve huma filha ef-
piritual illustre em fangue, porém
mais illustre na virtude; a qual es-
condidamente foi tirando delle mui-
tas couzas secretas de sua vida, que
pos em memoria por escrito: mas
sendo sentida do seruo de Deos,
mandoulhe por obebiencia, que lhe
entregasse os papeis, & logo quei-
mou quantos recebera daquella vez:
porém querendo queimar a outra
parte, que depois lhe deu a Religio-
sa obediente, foi prohibido por di-
vina revelação: donde os que es-
caparão do fogo, tirou a luz em
nome alheo, sem fazer menção al-
guma de si proprio, mas nomean-
do-se em todo o lugar só por minis-
tro da Sapiencia, por fugir da van-
gloria. He pois certo que nesta sua
vidade

vidade se achão muitas cousas, as
quais sem duvida são as mais effica-
zes que pode aver para inflamar os
coraçõens ainda mais frios, & en-
regelados, no amor de Deos. Alguns
que vivem nesta vida como brutos,
dados às cousas do mundo, soem en-
fastiar-se destas cousas: porém não
deve de ser esse máo exemplo parte
para que os que dezejáõ contentar a
Deos, & não ao mundo, deixem de
abraçar esta lição, porque o Senhor
Deos ordenou que se nos escrevellem
as vidas, & feitos dos Sanctos á fim
de que aquelles, a que não movião as
palavras, aballassem os exemplos das
óbras. Por tanto, ó pio leitor, eu te
peço affectuosamente que sejas con-
tinuo, & deligente em revolver esta
vida, porque o não farás sem gran-
de proveito teu: até aqui Surio. Nas-
ceo o Beato Henrique Suso de paes
nobres na Suevia provincia de Ale-
manha alta, ao que se cre, na Cidade
de Constancia a 20 de Março, dia
afinalado do Patriarcha S. Bento,
mas não se sabe o anno. Seu pay se
cha-

chamava do appellido de Montense, nobre & conhecido, & sua mãy do de Sufo, ou Sizo como outros escrevem. Não temos os nomes proprios pello muito que o Beato Henrique encobrio sempre suas coufas. O pay foi dado às coufas do mundo, sendo pello contrario a mãy tão virtuosa, & devota que passando muitas tribulaçoens por causa dos encontrados costumes do marido, todas as levava bem com a meditação da Paixão do Senhor Iesu, na qual era tão continua, & favorecida que em todos os 30 annos antes de sua morte, não ouvio Missa em que não tivesse particular, & intençã compaxão das dores do Senhor Iesu Crucificado.

Em Constancia tomou o Beato Henrique o habito dos Prégadores sendo de pouca idade; porque como consta da sua vida, cap. 20., aos 18. annos foi alumiado com particular graça do Senhor a melhorar a vida, avendo já paflado alguns tempos na Ordem com floxidão. Depois de sua conversão esteve obrando só consigo

pri-

primeiro a sua vida em silencio 8. annos continuos, sem se communicar aos proximos, no fim dos quaes lhe foi mandado por Deos que saisse a prégar. Discorrendo então por toda Alemanha alta, & baixa fez grande fruto nas almas, mas com esta differença em seu tratamento, que dos 18 annos de sua idade, que foi o primeiro de sua conversão, até os 40. não aflouxou nunca nas suas penitencias asperissimas, em que se passarão 22 annos: porém depois por amoestação do Ceo remittido o rigor das extraordinarias penitencias, mas nunca o da regular observancia, continuou muitos annos no aproveitamento das almas, com raro exemplo de paciencia nos trabalhos, & perigos da vida, & honra em que Nosso Senhor o exercitou, não menos extraordinariamente do que elle se tratava na penitencia corporal. Destes exercicios que forão muitos, ainda que não se escrevem todos, como se vê, do capitulo 20. de sua vida se collige que a sua idade foi

larga,

Jarga : posto que se não saiba o periodo certo della por nos faltar a memoria do anno em que nasceo, com tudo sabemos que não passou da 25 de Janeiro da era do Senhor de mil & trezentos & sessenta & cinco, em que deixou esta vida prezente pella eterna no Convento de Vlona onde viveo muitos annos.

As obras, que compoz, forão muitas, & todas de edificação, mas só temos as seguintes. *O Dialogo da Sapiencia*, em que fala a Sapiencia com o Menistro. *Quatro sermoens*, dos quais vai aqui traduzido o primeiro para remedio, & consolação dos escrupulosos. *Doze Epistolas*, das quais se pos aqui tambem a quinta traduzida em nosso vulgar, como em protestação do animo que fez sair á luz esta vida do Beato Henrique nesta impressão. As epistolas se segue o *Tratado das Rochas*, que já anda traduzido em vulgar Castelhana. Logo a vida que aqui se poem; depois *Cem Meditações da Paixão*. E no fim hum *Exercicio dos minis-*

ministros da Sapiencia, que aqui
ajuntamos por ser devoto, & facil.
Compoz mais o *Officio quotidiano*
da Sapiencia que trazem as horas de
Nosſa Senhora ſegundo o rito dos
frades Prégadores, & a *Miſſa pro-*
pria da meſma Sapiencia. Outras
obras ſuas, & ſermoens ſe achão
entre os eſcritos de Ioão Taulero
varão tambem de grande vida, &
doctrina da meſma Ordem dos Pré-
gadores, inſigne prégador em Ale-
manha, donde foi natural, & falle-
ceo com opinião de ſanctidade.

O Beato Henrique não he Ca-
noniſado pela See Apoſtolica, mas
intitula-ſe Beato de tempo immemo-
riavel nas horas de Nosſa Senhora
ſegundo o rito dos frades Prégado-
res no principio do Officio da Sapi-
encia, as quais horas ſempre ſão,
& forão eſpecialmente aprovadas
pella See Apoſtolica, & outro ſi he
contado entre os Beatos Confefſores
da ordem dos Prégadores, que traz
o Calendario Dominicano no fim.
Além diſto nas provincias de Alema-
nha

nha alta, & baxa, que he Frandes,
 se resa do Beato Henrique pellos fra-
 des Prégadores com o officio pro-
 prio; venerando sua Imagem com
 altares levantados em seu nome, &
 não he muito que se nos comunique
 aos frades de S. Domingos deste
 Reyno, porque tambem elles lá
 não resaõ de S. Gonçalo, sendo para
 com nosco tão conhecido, faltando-
 lhe ainda a Canonisação, de quem
 resamos só por huma licença que al-
 cançou elRey Dom Sebastião. Ajun-
 ta-se a tudo isto ser o nosso Beato
 Henrique celebrado por Santo tam-
 bem de tempo immemoravel nos es-
 critos dos Varoens pios, e doctos,
 como he Surio que tanto apregoa sua
 santidade, & milagres nos prologos
 assima, & em outros muitos lugares
 escrevendo no anno do Senhor de
 1555. que fazem hoje perto de cem
 annos supondo a mesma tradição de-
 duzida até seus tempos, não fazen-
 do aqui menção de nossos Escripto-
 res, & Chronicas que de sua santi-
 dade, & milagres tratão largamen-
 te

te como he Fr. Miguel Pio em Toscano, & Fr Fernando de Castilho, & o Bispo de Monopoli, aquelle na segunda parte, & este na sexta. Bzovio no tom. 14. dos Annaes Ecclesiasticos Anno do Senhor 1365. onde diz que em vida, & depois da morte floreceo em grandes milagres. O mesmo diz Fr. Antonio de Sena no seu Chronicon ad an. 1340, onde lhe dá tit. de Beato. Molano nas addicoens ao Martyrol. de Ufuardo die 25. Ian. Fr. Estevão de S. Paio in *Stemmat. Ordinis.* pag. 251. Fr. Leandro Alberto de viris illustr. Ord. Præd. l. 5. Belarm. de Script. Eccl. pag. 384.

EPISTOLA

*EM ORDEM V. DAS OBRAS
do Beato Henrique Sujo da Or-
dem dos Prégadores, traduzida
de Latim em vulgar por hum Re-
ligioso da mesma Ordem.*

A Legre-fe altamente a multi-
dão dos Sanctos Anjos habi-
tadores das moradas celestiaes. He testemunho do Senhor Iesu
no Euangelho que faz o Ceo grande
festa na conversão de hum peccador
á verdadeira penitencia. Veo á no-
ticia do ministro da Eterna Sapiencia
que avia huma molher de taõ rara
fermosura, & graça nos olhos dos
homens, que muitos erão feridos
do seu amor lascivo. Dohia isto mui-
to ao ministro da Sapiencia, & de-
zejava cortar as raizes de tamanhos
escandalos, & perdiçoens de tantas
almas, trasendo aquella perdida a
Deos para que nella fosse o Senhor
lou-

louvado, & o Anjo da sua guarda della tivesse particular gloria, & todos os mais Anjos com sua converção gozo espiritual: & os homens tomassem exemplo de emenda. Pello que com todas as forças de seu espirito se applicou a rogar a Deos pela converção daquella alma, & mui em particular importunava muitas vezes a Virgem Sacratissima Mãe de Deos Estrella do mar resplandecente pedindolhe com grande affecto, & continua oração que alcançasse de seu Unigenito Filho luz áquelle coração tão entregue as cousas do mundo, cego, & escurecido com as espessas trevas dos muitos pecados, para que apartandoo delles o trouxesse a Deos. Ouvio a Senhora os rogos de seu servo, & foi dada tal graça áquella alma mundana que subitamente se converteo a Deos mui de veras, do que recebeo o Ministro tamanha alegria na sua alma que como fora de si bebado de jubilos espirituaes lhe escreveu esta carta. Porém como dahi a muitos tempos fizesse

zesse escolha de seus papeis, & de muitos, separasse estes poucos, deixando todos os mais por ferrar tempo, chegou a esta carta, & vendo que não continha mais outra coula senão hum jubilo, & excessão de alegria espiritual temeo, que vindo à mão dos homens de duros, & secos corações, lhes pareceria sem sabor, & de nenhum fruto; por tanto a pos de parte. Porém logo na madrugada do dia seguinte, que era a oitava dos Anjos, em vizão espiritual lhe apparecerão muitos espiritos Angelicos em fórma de mancebos fermosissimos, os quaes o reprenderão de aver posta de parte, & riscada aquella carta, exhortandoo a que de novo a escrevesse; o que fez comessandoo com as palavras do principio. Alegra-se grãdemente a multidão dos Anjos habitadores das moradas Celestiaes. &c. E sendome então comunicados raios de luz, & claridade espiritual pella resplandecente Estrella do mar a Virgem Santissima Mãe de Deos, com os quaes desaparecendo todas as nevoas

voas de meu coração , ledo & prestes faudei a mesma Senhora com todas minhas forças , logo na propria hora pera mi faborosissima , rompi com a fortaleza em vozes de grande contentamento , que chegavão ao Ceo , dizendo : Sejais Estrella excellentissima do mar saudada com affectos de amor sem lemite dos que muito vos querem. Convidava aos Santos Anjos que me avião apparecido , á aquelles mancebos fermosissimos vindos do Ceo , para que comigo á competencia com milhores , & mais esforçadas vozes saudassem a Dulcissima , & Esclarecidissima Rainha dos Ceos , por aver com grandes , & fermosos raios de sua luz illustrado o coração daquella mulher depois que por ella ouvio meus rogos , & petições. O meu espirito exaltado com tanto gozo dava altos louvores áquella Celestial Hyerusalem. Rogava sem cessar áquellas filomelas singulares , áquelles martinetes suavissimos dos campos da gloria que me ajudassem a cantar em vozes altissimos

mos louvores ao Senhor em reconhecimento de sua grande magnificencia. Tornava logo a levantar o rosto, & olhos ao Ceo, & tresbordando o coração de contentamento dizia. Alegre-se grandemente a multidão dos espiritos angelicos habitadores das moradas celestiaes: ó como à vista de tanto gozo desaparece tudo o que nesta vida padeci de magoa, & contrariedade. Pareciame que estava então na idade de Nero, representavasseme que andava passando pellos prados, & jardins da gloria, & tornava a dizer. Alegraivos nobilissimas Hyerarchias dos espiritos Angelicos que viveis nos pastos celestiaes, aja festas, dai vivas, entoai musicas por tão alegre nova. Ponderai vos rogo com a divida admiração como a filha perdida, tornou á casa de seu pay, a filha da condenação foi recuperada, a que já era morta veo á vida, & refuscitou, aquelle prado & jardim da natureza ornado de flores, não menos fermosas que apraziveis, o qual a sua vontade

tade pastavão as bestas, vede como he renovado em sobrenatural fermosura, já forão lançadas delle as bestas féras, já brotão novas flores de graça á competencia. As entradas, & portais dantes tão devassos, já são fechados, & seguros. O campo alheado dantes a seu possuidor, lhe he restituído. Pello que, vós ó orgãos dos Ceos, ó destros na cithara, ó mestres insignes das arpas, & laudes da gloria; entoai novos motettes, soe a melodia por todos os assentos, & retretes da Celestial Hyerusalem. Peçovos com todo o encarecimento da minha alma que por isto mais se engrandeça vosso gozo, por quanto à deshonestissima Venus Deosa da lacivia gentilica foi arrancado o seu coração. A grinalda mais prima lhe foi arrebatada da cabeça. Aquella boca tão sua amiga mais destra em conciliar amores profanos emmudeceo de todo para elles. O mundo enganoso, o amor caduco, immundo, & falso abaixa já o pescollo entonado: & quem averá,
 que

que de hoje em diante apregoe mais teus louvores ? quem se deixará prender de teus enredos ? quem finalmente averá que queira neste mundo ferte amigo , guardarte cortezia , ou dar-se a tuas vãs occupaçoens , & serviço ? Já aquelle verde ramo para ti fecou , & reverdecendo floresse só para Deos : do que todos os que de veras amão ao Senhor , gozozos o engrandecem dandolhe altos louvores por esta admiravel mudança dizendo : A vòs Senhor seja dada toda a gloria , por quanto só vòs fazeis estas grandes maravilhas nos maiores , & mais desesperados peccadores ; que ainda que em todas vossas obras , ó dulcissimo , & todo poderoso Senhor , sejais amavel , & digno de infinito louvor , com tudo por muitos mais modos sois amavel , & digno de louvor sem comparação maior nas misericordias que uzaes com os miseraveis peccadores ; áquelles , que tão longe estão do que merecem , só por vossa bondade , & misericordia sois servido de atrahir a vòs. Este

e

te,

te, Senhor Santissimo, he na verdade, o timbre de vossas obras, este he a fermosura de vossa benignidade, este o enfeite de todos vossos feitos mais illustres. Nesta obra, Senhor, o monte de ferro de vossa exactissima justiça se deixou romper, & partir para dar lugar à misericordia, & bondade. Vinde pois a mi todos os que tendes recebido do Senhor outro tal beneficio, & juntos todos em hum tratemos mui de veras o como poderemos engrandecer a sempre bondade do Amantissimo Senhor, & Pay nosso tão perdoador de nossas culpas. Eja pois, ò amantissimo Senhor, não vedes a cousa mais digna de admiração? Aquelles que andavão em braços com os monturos, já hoje com ferventissimos affectos de seu coração amorosamente se abração com vosco. Aquellas almas que ontem erão a si mesmas, & a outras occasião de ruina, & perdição, já hoje são prégadoras da suavidade de vosso amor, não sabendo fallar de outra cousa. Caso he de grande admira-

miração na verdade, aquellas que ontem quebrando de mimo, & de jicias se não podião ter em seus pés, lá hoje se tirem a si mesmas tantas cousas ainda das necessarias para a vida, & inventão novos modos de rigores, & asperezas corporaes, & de exercicios para honra, & gloria vossa, só afim de vos poderem Senhor agradar pura, & inteiramente; & aquellas que estavão cativas de demasiado amor de si mesmas, já se tem a si em lugar de hospede estrangeiro, & peregrino. Aquellas que sohião concertarse com tanto cuidado para mostrar o como davão de mão a vosso amor, agora he já toda sua occupação como possaõ, Senhor, & devão aggradar só a vós. Aquellas que dantes como lobos raivosos, erão estimulados de iras, & furias continuas, agora como ovelhinhas mansas não abrem boca ás injurias, & móres afrontas. Aquellas que dantes erão atromentadas com as rigorosissimas accusações de suas, & preverfas consciencias cheas sempre

de profundas tristezas , feridas de agudas setas de magoas infernaes , presas com cadeas não menos rigorosas que as de ferro , indissoluveis laços dos proprios peccados , já agora desembaraçadas , & prestes passando além de tudo o que o mundo pode dar com huma firme confiança , & solta liberdade se levantão tanto sobre si , já mudadas , que ouzão , & podem dar voses que chegão á patria celestial : em fim trocados de todo , não se espantão senão de como foi possivel que algum dia estiverão prezas do amor do mundo , & de como viverão algum tempo nas trevas da obscura noite dos peccados. Na verdade , Senhor aqui venho a ver por experiencia ser certo o que se diz que o corpo se accomoda ao espirito , & hum bom natural se applica às cousas eternas , logo ali se açende hum grande incendio de vosso amor. Esta he na verdade, Senhor, a mudança só de vossa mão poderosa. Estas são, Senhora , & Rainha dos Ceos , as obras de vossa piedade sem lemíte. Mas

Mas contigo falo agora filha
minha em Christo muito amada,
dame attenção, & adverte tu, &
eu, & todos os que a nós são seme-
lhantes, como nós devemos aver com
o Senhor omnipotente. Assi somos
obrigados compor daqui em diante
nossa vida, que não aja quem nos pos-
sa nunca já mais furtar a Deos:
da mesma sorte nos avemos de aver
como huma escrava da cozinha, a qual
o Rey illustre, & poderoso preferis-
se á propria Rainha. Não ha dúvida
senão que essa escrava mimosa faria
estremos por se mostrar agradecida
ao Rey, seria fidelissima em o amar,
louvaloia sempre de todo seu cora-
ção, & quanto se visse mais indigna
de favores tão altos, tanto se esfor-
çaria mais no amor de seu Senhor.
Não de outra sorte pois, nós pecca-
dores devemos procurar vencer aos
innocentes, & puros, que nunca er-
rarão; & se elles só num exercicio
se empregão por serviço de Deos,
nós devemos dobrar o trabalho, &
serviço do Senhor; se elles amão a
Deos

Deos fingellamente, nõs temos obrigação de redobrar o amor milhares de milhares de vezes, para que assi como antigamente nos não ficou coufa por fazer no emprego do mundo, & para grangearmos as vontades profanas, assi agora recompensem estes dannos procurando com dobrado cuidado trazer todos a Deos, & sobre todas as cousas tratemos de agradar ao Senhor, não menos diligentes no bem, do que o fomos antigamente pera o mal.

Torna filha à memoria te rogo quanto nos era agradavel nos annos em que andavamos dados ao mundo; achar quem antepufesse nosso amor aos demais, quem nos louvasse, & gabasse mais que os outros, & com particular affecto, & tenção nos seguisse, como nõs então nos persuadiamos; quanto pois sem comparação alguma será agora melhor a nossa forte, & boa ventura, se o Summo Bem, o Senhor Deos todo poderoso nos amar, não de qualquer maneira, mas empregando

do em nós seu cuidado? Considera
filha quanto trabalho custou muitas
vezes chegar a poder lograr huma
hora hum amigo da terra, da qual
se pesares as cousas, & ainda as
palavras, pouco, ou nada se tirou
de alivio, & recreação. Quanto se-
rá pois mais acertado sofrer tambem
agora algum trabalho por grangear
o ser amado de Deos? Por sem du-
vida tenho, ò Eterna Sapiencia, que
se todos chegarão a vervos com os
olhos interiores, como eu vos vejo,
& que logo ao mesmo ponto se apaga-
ria nelles todo o amor das cousas ter-
renas. Não posso, Senhor, acabar de
declarar o espanto de minha alma,
ainda que já o meu juizo foi bem dif-
ferente nesta parte, de como possa
aver coração que se empregue, &
assofegue em amar outra cousa fóra
de vós, ó abismo de toda a bonda-
de; e outrossi, nam menos me ad-
mira o porque vos não manifestaes
Senhor aos taes miseraveis. E sobre
isso ver o cuidado, com que os ama-
dores do mundo andaõ cobrindo, &
dou-

dourando tudo o que nelle lhe póde desagradar, tudo o que he disforme, & deffectuoso? & pello contrario se alguma couza tem que possa parecer bem dessa pintada, & mentirosa formosura, com que diligencia atiraõ á praça, & quanto sentem senaõ he bem sabida, e vista do seu amado qualquer apparencia de lustre seu proprio, & quando vem á experiencia (para que diga tudo numa palavra) naõ achaõ outra couza mais que sacos de esterco: dos quais com rezaõ se pudera dizer, ó quem vos tirara a pelle de fóra? entaõ se vira claramente, quam medonho monstro he a apparencia. Porèm vós, ó Esclarecidissima Sapiencia, agora encobris o que em vós he amavel, & só manifestais o que he de pena, & molestia. Descobris o que he aspero, retendo em segredo o que he suave. Mas porque o fazeis assi ó Benegnissimo Iesu? Sejame, Senhor, licito com licença vossa dizer huma só palavra, porque naõ me posso conter. O' se vós Senhor me quizeis!

feis! ó se vòs me amasseis Iesu dulcissimo! ó se eu Senhor vosso mimoffo fosse! Averà alguem que crea que eu sou amado do Senhor Iesu? A isto soo aspira Senhor a minha alma; o meu coração, Senhor, se engrandece de gofo, & falta de prazer soo em cuidar que sou de vòs amado. Tanto que me vem, Senhor, isto à memoria tamanho he o gozo que recebo, que quem quizer attentar bem mo poderà de fora conhecer, porque tudo o que ha em mi se derrete, & empapa com alegria. Se me deraõ a escolher, naõ podera dezejar coufa mais sublime, nem mais agradavel, nem mais saborosa do que ser de vòs querido com singularidade, & que pozelleis, Senhor, com particular affecto os olhos de vossa benignidade em mi, porque isto Senhor quem averà que duvide que he o Reyno dos Ceos? os vossos olhos resplandentes Senhor vencem os raios do sol sem comparaçõ: a vossa boca he suavissima a quem se manifesta; o encarnado sobre a mesma alvura de
vossa

vossa face, assi da divina como da humana natureza: finalmente a sem par compostura de vossa pessoa sem comparaçãõ excede tudo quanto o desejo mais levantado pode alcançar nesta vida corporal. Quanto mais, & mais se apura vossa grandesa sobre toda a materia corporal, tanto sois Senhor mais amavel & aprasivel, & com tanto mais immenso gozo se se logra vossa prezença. Tudo o que se pode imaginar de fermoso, amavel, & de lustre em vòs, o suavissimo Deos, & Senhor, sobre todo o encarecimento se encerra com inestimavel perfeiçãõ. Naõ he possivel acharse em alguma creatura cousa agradavel, & de saber, ou estimaçãõ, que por modo purissimo com infinito excesso senaõ veja em vòs, o Senhor de tudo. Por tanto vòs outros mortaes, naõ vos passe por alto, antes com muita consideraçãõ adverti que tal, & tam excellente he o meu amado! E sendo este, vede que me quer a mi bem, ò filhas de Hyerusalem! O' Senhor, & quam de veras será ditoso
aquel-

Fr. Henrique Suso. xxxi

aquelle, a quem vòs quereis bem,
& que nesta vossa amisade for eterna-
mente confirmado! Deos vos guar-
de ò filha minha para sempre Amen.

*Se se trata de despois vossa confor-
do para se dar licença que corra, sem
a qual não correrá. Lisboa, 14 de Out-
ubro de 1763.*

Il. Sr. D. João de Almeida Lima.

DO ORDINARIO.

POde se reimprimir o livro, de que
se trata, e despois de impresso volte
conhecido para se dar licença que corra,
sem a qual não poderá correr. Lisboa,
15 de Fevereiro de 1763.

D. J. A. L.

LI.

L I C E N Ç A S.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-se reimprimir o livro, de que se trata; e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 14 de Outubro de 1763.

Trigozo. Mello. Lima.

DO ORDINARIO.

PO'de-se reimprimir o livro, de que se trata; e depois de impresso volte conferido para se dar licença que corra, sem a qual não poderá correr. Lisboa, 13 de Fevereiro de 1763.

D. J. A. L.

DO PAÇO.

Que se possa reimprimir, vistas as licenças do santo Officio, e Ordinario; e despois de reimpresso tornará a esta Mesa para se conferir, e dar licença para correr. Lisboa, 6 de Julho de 1763.

Carvalho. Siqueira. Affonseca. Castro.

DO ORDINARIO.

Põe se reimprimir o livro, de que se trata; e despois de reimpresso confôrto para se dar licença para correr, sem a qual não poderá correr. Lisboa, 13 de Fevereiro de 1763.

D. J. A. L.

DO

Póde

PO'de correr. Lisboa, 11 de Setembro de 1764.

Trigozo. Carvalho. Lima.

PO'de correr. Lisboa, 13 de Setembro de 1764.

D. J. A. L.

Que possa correr, e taxaó em duzentos e quarenta reis em papel. Lisboa, 15 de Setembro de 1764.

Carvalho. Affonsca Lemos.

Pacheco. Casiro.

VIDA

P. O. de ... Lisboa, 11 de Setembro.

I. Rio de Janeiro.

Carvalho. Lisboa. Lima.

Q. ...

P. O. de ... Lisboa, 11 de Setembro.

D. J. A. L.

Q. ...

Q. ... Lisboa, 11 de Setembro de 1864.

Carvalho. Affonso Leal.

Ribeiro. Castro.

VIDA

V I D A
 D O B E A T O
 F^{R.} HENRIQUE
 S U S O

Da Ordem dos Prègadores.

C A P I T U L O I.

*Em que se dà conta donde era natural
 o B. Fr. Henrique Suso, & do tem-
 po, & idade em que entrou na Re-
 ligiaõ, & comesou a seguir o ca-
 minho da vida perfeita, & de como
 se escreveo esta historia.*

NA grande, & estendida provincia
 de Alemanha ouve hum Religioso
 da Ordem do nosso glorioso P. S.
 Domingos natural de Suevia, cu-
 jo nome era Fr. Henrique Suso. Vivia
 nelle em quanto morou na terra hum ar-
 dente desejo de ser seruo do Senhor, &
 não sómente se contentava com a obra,
 mas desejava ser avido, & conhecido por
 tal.

tal. Aconteceo por discurso de tempo que veio a ter conhecimento, & pratica de hũa santa molher, que tendo particulares favores do Ceo, tinha da terra continuos trabalhos, & affliçoens: & como tal desejava consolar-se com este religioso, & esforçar seu cansado espirito ouvindo delle algũas liçoens sobre a materia do padecer tiradas da muita experiencia, que longamente tinha feita em casos proprios: & isto fez muito tempo todas as vezes que o via, & assi veio justamente a tirar delle com encubertas, & dissimuladas perguntas, que lhe fazia, a ordem, & principio de sua vida, & processo della, & alguns exercicios, & maneiras de padecer, por que passara: o que tudo lhe descobria o religioso em segredo em santa, & espiritual conversação. Mas ella vendo que manifestamente lhe resultava daqui consolação pera os trabalhos, & doutrina pera a alma, foi pondo por escrito tudo o que lhe ouvia pera se aproveitar a si, & a outros: mas isto tanto a furto, & às escondidas de seu mestre, que não entendia elle o roubo espiritual que se lhe fazia. Com tudo tanto que pello tempo adiante o veio a sentir, reprehendeoa, & obrigoua a lhe entregar o que tinha escrito, que logo queimou. E tornandolhe a dar outro dia alguns papeis que lhe ficarão na mão, tam-
bem

bem os quizera pôr no fogo. Mas foilhe tolhida a obra com hũa revelação divina: & assi ficãrão livres estes ultimos escritos, que quasi todos erão de mão da santa, aos quaes ella depois de seu fallecimento ajuntou, & a Religião em nome della muitos outros documentos espirituaes. Começou Fr. Henrique sua conversão ou os mais determinados principios della, sendo em idade de dezoito annos: porque sem embargo que neste tempo avia já sinquo que estava na religião, tinha ainda o espirito inquieto, & desasossegado. E se bem com o favor divino se guardava de peccados maes feios, & dos que o podião desacreditar; todavia nas culpas leves, & commuas era descuidado. Mas neste tempo tinha o Senhor tal cuidado de sua guarda, que a toda a parte que se deixava levar das cousas, a que seus sentidos com natural gosto, & deleitação se inclinavão, em nenhũa achava quietação, nem repouso. E parecialhe que algũa cousa outra tinha por descubrir que só podia dar paz, & verdadeiro descanso a seu viguroso espirito, & assi vivia com trabalho andando nas ondas destas alterações, & desasossegos: atromentavao interiormente hũa continua guerra da consciencia, & com tudo não era poderoso pera se ajudar de si mesmo, até que o

piadosissimo. Deos foi servido livralo com hũa conversão divina. Enxergouse logo nelle hũa subita mudança, que a todos causava espanto, imaginando no que poderia ser, que assi o trocara, & todos davão seu parecer no caso; mas ninguem por então acertou com a verdade, que em fim foi obra do Senhor. O qual por meio de hum arrebatamento secreto, & cheo de luz do Ceo obrou subitamente em Frei Henrique esta divina mudança, cujo effeito foi dar de mão a todas as coufas do mundo, & entregar-se todo a Deos.

CAPITULO II.

De algũas tentações que o B. Fr. Henrique padeceo no principio de sua conversão.

TEndo Fr. Henrique recebido do Ceo esta divina graça, logo começou a sentir em si hũa guerra de tentações, & repugnancias interiores com que o diabo trabalhava por lhe estorvar os meios de sua salvação. E foi desta maneira. As inspirações com que Deos lhe batia nas portas da alma obrigavãono a voltar as costas com hũa expedida & solta retirada a tudo aquillo que o podia embaraçar no caminho

nho da verdade. Contra isto profiava a tentação, que procedesse com bom conselho, & que se não determinasse depreça, porque era facil começar, & muito difficuloso levar as cousas ao cabo. A inspiração celestial representavalhe o grande poder & obras do Espírito Santo. Da outra parte a tentação não fazia duvidas na grandeza, & omnipotencia de Deos quando quizesse ajudar, mas duvidava de seu querer. No cabo de tudo mostravalhe na alma com clareza certissima que não podia Deos faltar naquella branda, & amorosa promessa sua, que era socorrer, & ajudar a todos aquelles que fiados em seu santo nome cometessem este caminho. Ficando nesta contenda a victoria da parte de Deos, logo o cometia outro pensamento, que disfarçado com brandura, & com capa de amizade se lhe hia asentando na alma, & o aconselhava desta maneira. Bem pôde ser que seja acertado isto que tentais, & rezão he emendar a vida, mas não vos mateis muito: antes começai tão a tento que possaes chegar ao fim com o que comefardes. Comei, & bebei á vontade, & trataivos bem, & entretanto não aja peccar. Ca dentro de vós, & pera com vosco sede santo quanto quizerdes, mas seja com tal temperança, que no exterior não se asombre ninguém

quem com vosco : & andai com o dito commum. Aja pureza na alma , que tudo o mais vai bem. Podervoseis dar bons dias , & viver entre os homens alegremente , & com tudo não deixar de cumprir com as obrigações da virtude. Também a outra gente espera de se salvar , & mais não se mete em tantas fadigas. Mas a sabedoria eterna desbaratava tão falsos conselhos com esta só razão. Quem cuida de ter hũa enguia pello rabo , & começar vida santa tibiamente , tanto se engana em hũa cousa , como na outra : porque quando lhe parece que está bem empolgado em ambas , escoase das mãos , & acha-se sem nada. Assi tambem quem quer fopear , & ter fogeita a carne altiva , & mal habituada vivendo vida mimosa , & descansada pode-felhe dizer que não he de juizo bem assentado , porque querer gozar mundo , & iuntamente servir a Deos com perfeição, he frbricar impossibilidades, he falsificar as escripturas sagradas , he danar a doçtrina de Christo. Assi que se queres despedirte de tudo , convem fazello com animo varonil , & determinado. Andando muitos dias às voltas com estas imaginações , em fim cobrou ousadia , & armado de confiança apartouse esforçadamente de tudo. Entre as cousas a que fugio foi hũa a companhia ociosa dos amigos ,

gos, no que seu vigoroso animo passou tanto trabalho nos principios que posso affirmar que padeceo muitas mortes. Buscavaos primeiro algũas vezes pera se desmalencolizar com elles vencido da fraqueza natural: mas as mais dellas lhe acontecia tornar triste donde fora alegre; porque as praticas, & recreaçoes dos amigos, não erão nada de seu gosto, & as suas erão odiosas aos mesmos. Outras vezes socedeo, & não forão poucas, tratremno com palavras, & ditos peçados, tanto que se chegava a elles. Hum lhe perguntava que ordem de vida era aquella que emprendera, em que queria ser só, & desviar-se do commum: Outro lhe dizia que o mais seguro modo de viver era o ordinario, por onde todos corrião: Outro que taes invenções de vida sempre paravão em máo fim. Assi o agasalhavão hum tras outro, & elle sem lhes responder palavra, fallando consigo dizia. O piadosissimo Deos não ha conselho mais asertado, que fugir a companhia dos homens; que na verdade, se eu não fora buscar taes praticas, não tivera agora de que me queixar. Esta Cruz o trouxe naquelle tempo gravissimamente atormentado, porque não tinha ninguem com quem podesse desabafar descubrindolhe suas affições que fosse pessoa que seguisse a mesma ordem,

dem, & estillo de vida. E assi vivia descontente, & triste. Em fim à viva força se acabou de furtar aos homens, & sendo pera elle cousa tão penosa esta ausencia, o costume lha veo a fazer despois laborosissima.

C A P I T U L O III.

De hum rapto sobrenatural que teve o Beato Fr. Henrique.

Aconteceo ao B. Fr. Henrique no principio de sua conversão, que entrando hum dia depois de comer no coro na festa da Virgem, & Martyr Santa Ines se deixou ficar sò, & em pè nas cadeiras mais baixas do coro direito. Andava elle neste tempo mui carregado de malencolia causada de hũa grande tribulação que padecia. E estando assi desemparedado de todo o allivio, & consolação humana, não sendo ninguem presente, foi arrebatada sua alma, ou fosse no corpo, ou fora delle, & vio, & ouviu cousas que nem todas quantas lingoas ha no mundo serão bastantes pera as contar. Era o que vio hũa cousa sem figura, & sem distinta feição, & todavia tinha em si todos os gostos, & deleites que se podem

dem imaginar em todas as figuras, & feiçoens de cousas. O coração juntamente lhe ardia em desejos, & juntamente se satisfazia, o espirito estava de todo desfombrado, & aprazivel, o appetite, & eleição não obravão, antes jazião como sepultados em profundo sono, somente applicava com cuidado os olhos da alma empregandoos naquelle raio resplandecente, & clarissimo onde de si, & de tudo o da vida perdia a memoria. De maneira que não sabia se era dia, se noite. Foi isto sem duvida hum gosto que brotou da eterna vida segundo a experiencia que Fr. Henrique depois teve em tempos de mais paz, & quietação, & assi dizia elle depois. Se aquillo não he a gloria do reino dos Ceos, eu me resolvo que não sei que cousa he *Reino dos Ceos*. Porque tudo quanto hum homem pode padecer de trabalho nesta vida não basta de rezão, nem de justiça para merecer hũa tal gloria avendoa de lograr pera sempre: Durou-lhe este extasis hũa hora, & mea, sem saber atinar se tivera neste espaço a alma no corpo, ou fora d'elle. Mas tornando em si andava tal, que parecia homem, que vinha do outro mundo, & sahio dali tão quebrantado, & cheo de dores que lhe parecia que não podia ninguem passar tantas em termo tão breve ainda que fosse
na

na hora da morte. E tanto que foi estando mais em si, & cobrando forças dava huns suspiros, que se lhe arrancavão do mais profundo da alma, & sem se poder ajudar caia por terra, como acontece aquelles, que por falta de forças se desmaião. Gemia lastimosamente, & dando ais que arrancava das entranhas, dizia desta maneira: O meu Deos onde estava eu, & onde me acho agora. O summo bem meu, meu bem principal não averà já mais cousa que possa levar de minha alma a memoria desta hora. No corpo estava, & nelle vivia, & andava, & todavia não ouve ninguem que de fora visse, ou entendesse delle cousa alguma destas, com andar tal, que trazia a alma cheia de visões celestiaes, & no mais secreto della se lhe abrião resplandores divinos que a penetravão por toda a parte, de maneira que lhe parecia, que andava pelos ares: finalmente em todas as partes principaes da alma lhe ficou aquelle bom sabor, & gosto celestial (como vemos em hum vaso que servio de licores cheirosos, que não perde o cheiro ainda depois de vazio) & durandolhe depois muito tempo foi meo de espertar em seu espirito huma celestial sede, & saudade de Deos.

CAPITULO III.

*Como o Beato Fr. Henrique celebrou
Esposorio espiritual com a Sabedoria eterna.*

A Ordem de vida que Fr. Henrique costumou por grande discurso de tempo nos exercicios espirituaes que usava, era hum aturado desejo de gozar perpetuamente da vista, & presença de Deos, & juntamente tratalo, & conversalo com familiar communicação. O principio que teve este desejo se achará nos livros que elle mesmo compos da Sabedoria eterna em Alemão. Era o Santo de sua natureza mui afeiçoado, & desde sua mocidade teve esta inclinação: & Deos na Sagrada Scriptura, onde falla de si com nome de Sabedoria eterna não se offerece menos que por hũa amiga muito vencida de amores, que se enfeitava, & atavia ricamente pera agradar a todos, usa de palavras, & gestos amorosos pera levar tras si as almas, logo aponta os enganos, & pouca firmeza de outras amigas representando de sua parte grande constancia, & lealdade em amar. Estas cousas tiravão pello animo juvenil, como

como dizem da onça que com a suavidade do cheiro que naturalmente de si lança obriga os outros animaes a buscaremna. Os livros em que mais se usa deste termo, cujo intento he com brandura, & suavidade levantar nossa alma ao amor divino, são os de Salamão, & da Sapiencia, & do Ecclesiastico: os quais lendo se no refeitório, & ouvindo o Santo hum dia as palavras brandas, & namoradas da Sapiencia, encheose todo de alegria em sua alma, & começou a namorar, & perderse por ella; & ardendo neste cuidado fallava desta maneira consigo: Eu sem duvida provarei minha ventura, & verei se a tenho com esta fermosa Senhora, de que se contão cousas tão soberanas para merecer seu amor, & gozar de tão nobre companhia, pois Deos foi servido dar-me hum coração vivo, esperto, & riguroso. E nesta idade não he possível que viva eu sem o empregar em algum amor. Com estes pensamentos andavase tras ella espreitandoa por toda a parte, & buscandoa muitas vezes, & outras tantas se communicava o Senhor a sua alma, & lhe fazia asaz favores. Estando húa vez na mesa ouvio que se lião estas palavras da Sapiencia. *A sabedoria he mais fermosa que o sol, & comparada sobre toda a ordem das estrellas com a luz*
inda

inda se acha que lhe tem ventagem, esta amei, & busquei com cuidado desde minha mocidade, & busqueia pera a tomar por esposa, & fisme amante de seu gosto. Por esta terei nome no povo, & honra entre os mais velhos, por esta serei immortal, & deixarei memoria perpetua aos que ãode vir despois de mim. Entrando em minha casa descansarei com ella: porque sua conversação não he pezada, nem sua companhia enfada, antes dá gosto, & alegria. Com sabedoria fundou o Senhor a terra, com prudencia fortaleceo os Ceos, de seu saber sairão os abismos, & as nuvens se congelão com orvalho. Quem a alcançou passou confiadamente seu caminho, & o seu pé não tropeçará, se dormir não averá medo, & o seu sono será descansado. Ouvindo estas palavras, & outras a este modo todas cheas de doçura ficou com o coração abrasado, & revolvendoas no pensamento fallava desta maneira consigo. O verdadeiramente nobre, & escolhida amiga. O se por dita pudera acontecer querer ella sello minha: que bem andante, que ditoso seria. Mas logo o espantavão imaginaçoens contrarias, que lastimandoo interiormente lhe dezião. Como vos ade caber no pensamento amar o que nunca vistes? Como podereis querer bem a quem

quem nunca conhecestes ? Não sabeis vós que melhor he hum pequeno punhado certo , & desembaraçado , que a casa cheia com duvidas ? quem fabrica edificio alto , & grangea amizade de grande Senhor estando longe de ser seu igual , este tal as mais das vezes se acha enganado em sua esperança , & cheo de miseria , & fome , larga o negocio. Bem confesso que não fora pera engeitar o amor desta dama se ella consentira a seus servidores trataremse bem , & levarem boa vida , mas ella estavos dizendo : Quem folga com vinho , & com grossura não sera sabio. E diz mais : Até quando dormirás preguiçoso , quando às de acabar de te levantar desse sono ? Pouco dormirás , pouco estarás sonorento , menos tempo juntarás as mãos pera descansar , & dará contigo a miseria como hum correo , & a pobreza como homem armado. Vede pois se ouve alguma hora quem possesse tão rigurosas leis a seus amantes ? Aqui lhe acudio hum pensamento do Ceo todo em seu favor lembrando-lhe , que era lei antiga , & condição do amor penar , & padecer quem ama. Nenhum amante , lhe dizia , vive sem cruz , & tormentos , & he bem de veras martir todo aquelle , que frequenta a escola do amor. Quanto mais rezão he logo que sofra , & que trabalhe quem

quem pretende hũa tão alta, & tão insignificante senhora por esposa & por amiga? Vede a que desastres, a que enfadamentos, & contrastes se fogeitão, & a seu pesar esses amadores do mundo. Com estas, & outras inspiraçoens semelhantes cobrava esforço pera perseverar, & vinhãolhe a meude. E assi hora estava de bom animo, hora tornava a abater a afeição às cousas transitorias. Andando nestas voltas sempre topava com algũa cousa, que contradizia sua perfeita conversão, & por esta razão variava pendendo hora a hũa parte, hora a outra. Hum dia estando à meia ouvio ler hum passo da escriptura sagrada que falla da sabedoria, com que se abrazou vehementissimamente, era o passo este. Eu estendi meus ramos como theribintho, & os meus ramos são de honra, & de graça; como libano não cortado, perfumei minha morada, & como balsemo sem mistura he o meu cheiro, quem me achar, achará paz, & alcanará saúde do Senhor. Isto fallava da sabedoria: & do amor sensual, & deshonesto dizia o seguinte. Achei huma mulher mais amargosa que a morte, que he laço de caçadores, seu coração rede, & suas mãos grilhoens, quem agrada a Deos escapará, mas quem he peccador, será por ella cativado. A isto

isto levantava entre si hum grande brado ,
& dizia. Claramente são isto verdades.
Hora de todo em todo me resolvo de
tomar por esposa a sabedoria. Já tenho
assentado de me cativar de seu amor ,
& entregarme todo a seu serviço. Ah
quem tivera lugar de a ver , & fallar-
lhe , inda que não fora mais que hũa
fò vez. Ah quem soubera , que cousa
he , ou que feição tem , quem pregoa
de si cousas tão maravilhosas ! quem tan-
tas cousas , & tamanhas permite ? He
por ventura Deos, ou he homem ? He ho-
mem , ou he mulher ? He sciencia , ou
he sagacidade ? Ah quem soubera o que
he. Ardendo nestes desejos mostroulhe o
Senhor huma visão , que quanto aos si-
naes , & ao que da eterna sabedoria se es-
creve nos passos que temos referido , &
noutros da Sagrada Scriptura , ficoulhe fa-
cil de conhecer ser ella. A visão era esta.
Passava por cima delle ao longe em hũa
columna de hũa nuvem , hia sentada em
hum trono de marfim , resplandecia co-
mo a estrela da alva , & como o Sol quan-
do està em sua força , por coroa tinha a
eternidade ; por manto , bemaventuran-
ça ; por pratica , suavidade ; por braços
para abraçar , enchentes de todo o bem.
Estava perto , & andava longe , era so-
berana , & humilde , estava presente ,
& es-

& escondida , mostravase conversavel , & toda via não se podia travar della. Era mais alta , que os mais altos cumes do Ceo , & mais profunda que o abismo : chegava de cabo a cabo com fortaleza , & ordenava tudo com suavidade. Quando lhe parecia , que estava todo enlevado na belleza de hũa fermosa donzella , mostravelhe em figura de hum bellissimo mancebo , algũas vezes se lhe offerencia como mestra destrissima em todas as artes ; amiga , & graciosa pera todos ; em fim voltandose a elle aprazivelmente , & agazalhando com a boca chea de riso , mas não defacompanhada de huma magestade celestial , falloulhe amorosamente estas palavras. Dame filho teu coração. Então elle derribado a seus pès com toda a humildade , & entranhavel affecto lhe rendeo as graças. Este favor lhe foi concedido por esta vez , & nunca mais o póde alcançar outra. Depois disto andando pensativo , & com todo o entendimento embebido , como tinha de costume , nesta divina sapiencia , como era de sua natureza affeçoado vintilava entre si esta questão amorosa. Donde , ou de que fonte saio o amor , & a graça de ser amado ? Donde nace a fermosura , a belleza , a boa sombra ? Donde vem toda a outra perfeição ? He possivel que tudo isto

mana daquelle principio fertilissimo da di-
vidade? A vos me vou logo ó abismo
immenso, & inexausto de tudo o que
merece ser amado. A vós amo com o co-
ração, cos sentidos, & com alma. A
vós abraço, que ninguem mo tolhe,
com entranhavel affecto deste meu abra-
zadõ spirito. No meo destes pensamentos
lhe acontecia algũas vezes communicarfe-
lhe o mesmo senhor, que he fonte, &
corrente de todo o bem: no qual junta-
mente achava toda a fermosura, & tudo
aquillo que só merecesse ser amado, &
desejado, & tudo alli estava junto por
modo, que não ha palavras com que se
possa contar. Daqui lhe ficou em custu-
me que todas as vezes, que ouvia referir,
ou cantar versos amorosos logo corria co
alma, & co coração à sua amada de
quem procede tudo o que he digno de ser
amado: & furtando de certo modo a vis-
ta do que tinha presente, se recolhia den-
tro em si, ou se arrebatava. E não se po-
de dizer quantas vezes com os olhos
cheos de lagrimas largando sem termo a
capacidade de seu coração a abraçou, &
apertou consigo. Muitas vezes se avia
com elle neste tempo a eterna sabedoria,
como se ha hũa mãy com hum filho mi-
nino pedindolhe o peito todo sumido en-
tre seus braços: ella abraçandoo amoro-
samente.

famente. E como o menino com a cabeça, & os meneos do corpo trabalha por chegar aos peitos da máy, & com risinhos, & geitos graciosos lhe está significando o gosto que tem naquelle lugar: nem mais, nem menos voava a alma do B. Fr. Henrique para aquella presença gloriosissima com hũa enchente de alegria, que lhe tresbordava por todos os sentidos. Logo em seu pensamento dizia. Bom Senhor, Bom Iesu, Alegre fora eu, se chegara a tal ventura, que se me dera por esposa huma poderosa Rainha. Pois logo, que me falta? Eu vos tenho agora eterna sapiencia por Rainha, Senhora, & Emperatris de minha alma. Vòs fois máy de todas as graças; com vosco sou tão rico, que me sobeja fazenda, honra, & poder. Não cobiço, nem quero mais de tudo quanto o mundo pòde dar. Tras estas maginaçoens ficando com o semblante risonho, & alegre, os olhos acesos, o coração, & todos os sentidos interiores saltando de prazer, rebentava nestas palavras. Mais que a mesma faude, & mais que toda a fermosura amei a sabedoria, & propus tella por minha luz, & daqui naceo viremme todos os bens juntos com ella.

CAPITULO V.

Da maneira, com que o Santo escreveu sobre seu coração o Santissimo nome de Iesu.

NO mesmo tempo se levantou em sua alma hum grande fogo, que ateado nella, & crescendo sem termo lha abraçou toda em efficacissimo amor divino, & sentindo hum dia este ardor causado da charidade com que sobre maneira amava a Christo, recolheose à sua cella, em hum lugar apartado, & entrando em hũa contemplação saborosissima fallava com o senhor, & dizialhe. Prouvera a vòs farmosissimo Deos, que tivera eu poder para inventar algum final de amor, que fora hum perpetuo penhor, & lembrança de amizade entre mim, & vos, & dera testemunho do muito, que me vòs quereis, & do que vos eu quero a vòs, & fora tal que nenhum esquecimento pudera ser parte pera se perder. Com este fervor de espirito tão grande levantou o escapulario, & descuberto o peito tomando na mão hum agudo ponteiro de ferro olhava pera o coração, & dizia. Deos Omnipotente daime vos hoje for-
ças,

ças, & licença pera satisfazer a meus desejos, pois já agora me convem não me contentar com menos que com vos meter dentro nas entranhas deste coração. Dizendo isto começou a ferirse com o ponteiro sobre o coração, & cortar a carne de cima pera baixo até que deixou escrito nella o Nome de Iesu. Entretanto corria o sangue de maneira, que lhe banhava o corpo todo, & olhando pera elle com huma alegria da alma não estimava as dores pella torça do amor, que era causa dellas. Acabada a obra allí como estava envolto em seu sangue foise à Igreja, & posto de giolhos diante de hum Crucifixo disse. E já Senhor meu unico amor desta alma minha ponde os olhos na fervorosa vontade com que vos busquo. Bem vedes que não tenho poder pera vos imprimir em mim tão devêras como eu queiera, sede vos logo servido senhor meu de condescender agora com meus rogos, acabai o que falta, imprimivos no profundo deste coração, & esculpi vosso Santo Nome em mim, de maneira que já mais possaes esquecervos, ou apartarvos de minha alma. Durarão-lhe muito tempo abertas estas feridas de amor. Em fim sendo saõ ficoulhe o Nome de Iesu escrito, & expresso no coração como pedira. Erão as letras de grossura

fura de hũa cana de trigo verde, & tinha de comprimento quanto à de hum no a outro no dedo minimo da mão. Este nome trouxe em seu peito até a hora da morte. Todas as vezes, que lhe palpitava o coração fazia o nome o mesmo movimento, & nos principios lançava de si hum estremado resplendor. Mas o Santo teve sempre tamanho cuidado de o esconder que já nunca mais se descobrio a ninguém, se não foi a hum de seus companheiros a quem o deixou ver ensegredo por ter com elle amizade particular & espiritual. Dali em diante quando lhe succedião trabalhos, punha os olhos neste sinal de amor, & passavaos melhor. Algũas vezes fallando com o Senhor familiarmente soia a dizerlhe. Os amantes do mundo, costumão trazer os retratos das suas damas nas roupas, que vestem, & eu senhor com muito avantejada afeição escrivivos em meu coração, & em meu sangue. Hum dia recolhendose pera a cella, acabada a oração que tinha depois de matinas, encoistouse sobre hum banco tomando por cabeceira o livro, que chamão: *Vitas patrum*. Aqui teve hum rapto, & parecialhe que se lhe levantava do coração alguma claridade, & pondo os olhos nelle vio sobre o mesmo lugar hũa Cruz de ouro guarnecida de

de muita pedraria entre a qual resplandecia com maravilhosa obra o Nome de Iesu. Acudio logo com o capello a cubrir o coração, trabalhando por esconder tão espantosa luz, para que de ninguem fosse vista, mas quando mais se cansava, então se esforçavão estremadamente os ardentes raios que della saião lançando de si tamanho resplendor que por nenhuma via pode encubrir, nem reprimir sua força.

C A P I T U L O VI.

De alguns ensaios de consolaçoens divinas com que Deos favorecia o B. Fr. Henrique em seus principios.

SAindo o Santo hum dia de Matinas, & recolhendo-se como costumava em seu Oratorio, deitou-se sobre o seu banco pera repousar hum pouco. Foi o sono breve, & não durou mais, que até os espertadores darem final do dia, a cujas vozes acordou, & derribando-se logo por terra saudava a estrella dalva, digo a soberana Rainha dos Ceos, parecendo-lhe, que assi como as avesinhas pello estio saem alegremente a receber o dia quando amanhece,

nhece, effi era razão levantar-se elle tam-
bem a adorar a mãy do Eterno Sol com
alegre, & devoto affecto. As palavras
que dizia de saudação não erão rezadas
fõmente mas entoadas com huma musica
da alma calada, & suave. Antes do San-
to acordar do fono, que digo, ouvia
hum espantoso estrondo, que lhe retum-
bava dentro nalma, com que todo estre-
mecia. O som era por extremo agudo,
& foi sentido delle no mesmo tempo,
que custuma a nacer a estrella dalva, &
daquelle som saía huma voz intelligivel
que dizia. *Maria estrella do mar subio
boje no Oriente.* Sooulhe este verso nas
orelhas com tal melodia, & tanto sobre
o natural que todo se alegrou em sua al-
ma, & começou juntamente a cantar.
Passado o som, & juntamente a sua mu-
sica, sentia-se abraçado sem saber com
quem, per hum modo, qual nenhũa
lingoagem alcança a declarar, & logo
ouvio esta voz. Quanto mais amorola-
mente me abraças, & quanto mais pura-
mente sem mistura corporal juntas tua fa-
ce com a minha, tanto com mais gosto,
& maior amor serás abraçado no reino de
minha eterna luz. No fim destas palavras
acordou, & lembrou-lhe o que passara
desfazia-se todo em lagrimas de devação.
E logo seguindo seu costume saudava a
estrella

estrella dalva pello modo, que temos dito. Depois desta saudação começava outra na mesma hora em reverencia da sabedoria eterna beijando o chão, & dizendo hũa oração devotissima, que elle compoz & anda nos livrinhos, que fez de devação que começa: *Desejou minha alma &c.* A estas duas, ajuntava a terceira beijando tambem o chão em honra do mais alto, & mais abrafado Seraphim do Ceo, que com maior fervor arde em amor divino. O que lhe pedia era, que inflammasse sua alma no mesmo amor, de maneira, que não sò se abrafasse todo até as entranhas neste santo fogo, mas fizesse arder nelle ao mundo todo com suas ferverosas amoestaçoens, & doutrina. E taes erão as devaçõs, que usava todas as manhãs quando se levantava. No tempo do entrudo, em que o mundo anda todo devasso, & descomposto, estendeu o Santo Varão huma noite tanto a oração, que os espertadores já fazião final, que amanhecia: elle então fallava consigo, & dizia. Repousa agora hum pouco corpo cansado antes que vamos a receber a farmosa estrella dalva, & deixando vencer os sentidos de hum breve sono, começarão os Anjos a cantar aquelle brando, & suavissimo responso. *Surge illuminare Ierusalem, &c.* E a musi-

a musica soava dentro em sua alma com estremada suavidade. A cabo de hum pequeno espaço emlevavafelhe o espirito naquella celestial harmonia, de maneira, que já não podia suportar o peso do corpo mortal, & terreno, & assi acordava tresbordandolhe pellos olhos a gloria do coração em ardentes arrojios de lagrimas, que delles vertia. Pello mesmo tempo encoftandose algumas vezes para repoufisar, parecialhe, que era levado a huma região estranha, & logo via o feu Anjo da guarda, que posto à sua mão direita com semblante alegre, & risonho o acompanhava; em vendo o Anjo abraçavafese com elle, liandoo com feus braços, & metendoo todo em sua alma, o mais apertada, & amorosamente, que podia, de maneira, que lhe parecia, que entre elle, & aquelle celestial espirito não avia nada de pormeo. Então foltando huma voz magoada, & os olhos arrasados de agoa, & com hũa perfeita devação da alma, dizia-lhe estas palavras. O amorosissimo espirito, que por Deos me fostes affinado para guarda, & remedio de minha vida, peçovos pello ardentissimo amor, que tendes a esse mesmo Senhor que me não desempareis. A isto respondeo o Anjo. Como? E não oufastes a fiaryos de Deos? Pois credeme, que tamanha he a charida-

de com que ab eterno vos amou , que vos não desempara já mais por sua vontade. Outra vez começando a esclarecer a menhá depois de ter descansado hum pouco de suas continuas penitencias conversando familiarmente com os Anjos em extasi, pedio a hum delles que lhe declarasse, porque modo morava Deos escondidamente em sua alma. Tornoulhe o Anjo. Hora sus , querovos mostrar o que desejas. Ponde alegremente os olhos em vòs mesmo , & vereis como se ha Deos com huma alma , que o ama , como a vossa. Attentando logo para si vio , que sobre o fitio do coração se lhe tornava a carne transparente como hum cristal , & via sentado quietissimamente no centro delle ao eterno Deos em huma figura cheia de amor , & benignidade : & junto delle conhecia , que estava sua alma confiada nas bençoens , & amor do Ceo , & brandamente , encoitada a hum lado do Senhor, mas da parte delle apertada com estreitos abraços , & metida toda em seu divino coração , & assi a via estar como em hum extasi , & roubados os sentidos , sumida toda , & adormecida entre os braços do Salvador.

CAPITULO VII.

*De algumas consolações que o Santo
Varão teve do Ceo.*

TRazia o B. Fr. Henrique neste tempo hum modo de cilicio feito por suas mãos tão duro, & aspero, que a toda a hora lhe dava grande aflicção. Estando assi atormentado hũa noite precedente a festa, que a Igreja celebra dos Anjos, foi arrebatado em extasi, & parcialhe que ouvia huma musica do Ceo, & vozes angelicas com que ficou tão alliviado, que de todo perdeu a memoria das dores que passava, & deziathe hum dos Anjos. Assi como ati te recrea ouvir de nós os canticos da Eternidade, que entoamos, assi nos alegra a nós ouvirte as cantigas da eterna, & altissima sapiencia, que compoens, & logo ajuntou. Este que ouvistes he aquelle cantico, com que ande fair todos os escolhidos do Senhor no dia ultimo do mundo, tanto que se virem confirmados na posse da eterna bemaventurança. Muitas outras horas teve o servo de Deos no mesmo dia esta celestial conversação vendo, & contemplando as festas, & passatempos dos Anjos. Primeira-
mente

mente começando já de amanhecer veosse a elle hum mancebo, que no geito, & na presença parecia ser hum musico do Ceo, que Deos lhe inviava. Acompanhãono muitos outros mancebos de gentil disposição na mesma postura, & traje, salvo que aquelle era de meu respeito como Archanjo. Chegouse ao Santo com brio grande, & disselhe que elle, & seus companheiros erão alli mandados por ordem divina pera o alegrarem, & entertentem, & lhe aleviarem as penas, que padecia. Pello que, dizia o Archanjo, he necessario, que posta de parte toda a melancolia, entreis nesta companhia, & dançais com nosco as danças do Ceo. Isto dito chegarãose todos a elle tirandoo pellas mãos, meterãono entre si. E o Archanjo começou logo a entoar hum hymno do Minino Iesu, que diz: *In dulci iubilo &c.* Tanto que o Santo vio, & ouviu solemnizar com tão acordada, & desenvolta harmonia o Nome de Iesu, ficou tão aliviado do coração, & de todos os sentidos, que despedindo num momento toda a tristeza, parecialhe que nunca tivera trabalho, & estava com grande gosto dalma todo embebido na destreza, & admiravel concerto, com que aquelles espiritos bemaventurados dançavão. O mestre desta angelica capella sabia mui bem ordenar
tudo,

tudo. Elle começava os versos com graça celestial, os outros proseguião cantando, & juntamente dançando com alegria entranhavel. E elle no fim repetia tres vezes a clausula. *Ergo merito &c.* Não erão estas danças como as que se usão cà na terra. Erão humas marès celestiaes, que se estendião atè o immenso abismo da divindade. Muitas outras consolaçoens do Ceo teve o B. Fr. Henrique a este modo, que por alguns annos forão quasi sem numero, principalmente quando se achava mais affligido de suas penitencias, & affi as passava melhor. Hum servo de Deos teve hũa revelação, em que o vio ao tempo, que sobia ao altar pera dizer missa cercado de hum resplendor, & via decer sobre sua alma a graça de Deos a modo de orvalho, & logo unirle o Santo com elle de maneira que ficavão Deos, & elle huma sò cousa. Vio mais estarem por detras d'elle muitos mininos de lindo, & gracioso parecer, com cirios acesos nas mãos, que rodeavão o altar, & postos em ordem huns traz outros, & todos hum, & hum se hião chegando ao Santo, & estendendo os bracinhos, o abraçavão amorosissimamente, & o apertavão consigo. Em fim espantado Fr. Henrique da visão perguntavalhes quem erão, ou que querião significar naquella obra. E res-
pon-

pondiãolhe os mininos, que erãõ companheiros do Santo, & participantes de seus gostos na gloria eterna, & por isso o acompanhavãõ perpetuamente, & o guardavãõ. Replicou o Santo varãõ. E que quer dizer abraçardes todos com tanto amor a este frade? Queremoslhe muito responderãõ elles, & temos com elle grande conversação, & amizade, & aveis de saber que obra o Senhor Deos em sua alma grandes maravilhas, & tais, que senãõ podem declarar. E tudo o que elle quizer pedir de preposito a Deos nunca lhe será negado.

CAPITULO VIII.

De algumas revelaçõs que o Servo de Deos teve.

NO mesmo tempo teve o Varãõ muitas revelaçõs de cousas secretas, & de outras que estavãõ por vir. E foi o Senhor servido darlhe huma certa noticia, & experiencia do que passava no Ceo, Inferno, & Purgatorio. Apareciãolhe à meude muitas almas quando passavãõ desta vida, & contavãolhe seus successos. Hora porque peccados estavãõ pe-nando, & como podiãõ ter remedio, hora

hora que graos de gloria tinham alcançado. Entre outros lhe aparecerão o Santo Eckardo de gloriosa memoria, & o Santo Fr. João Fucrio de Argentina. O Santo Eckardo lhe contou que estava cercado de enchentes de huma gloria tal que se não podia dar a entender com palavras, & que de todo estava transformado em Deos. E Frey Henrique propozlhe duas questões. A primeira era, em que estado estavam com Deos aquelles, que com verdadeira resignação desejavão de o contentar sem mestura de erro, nem falsidade. Ao que lhe foi respondido, que não avia palavras, nem termos humanos, que pudessem significar o como se sumia huma alma naquelle abismo immenso, & sem limite da divindade. A segunda questão era qual seria o mais proveitoso exercicio para hũa alma poder chegar a este estado? Respondeolhe o Santo Eckardo, que o mais seguro meio era fugirse hum homem assi mesmo, & desapropriarse de si com hũa humilde resignação, & não querer nada das criaturas, & tomar tudo o que vier da mão de Deos, & com isto saberse governar com mansidão, & paciencia, com toda a sorte de maos homens. O Santo Fr. João lhe mostrou tambem hũa especial fermosura, de que sua alma estava ataviada na gloria. E Fr. Henrique

rique lhe perguntou qual era entre todos o mais proveitoso exercicio para a salvação, & mais custoso de pôr por obra. Respondeo que nenhũa cousa podia dar maior trabalho a huma alma, nem aproveitarlhe mais, que sofrer com paciencia ser desemparada de Deos, & assi folgar de carecer de Deos por amor do mesmo Deos. Tambem appareceo ao B. Fr. Henrique seu pay depois de morto, que como na vida se deixou levar todo das vaidades do mundo manifestoulhe com representação lastimosa o cruel tormento, que tinha no Purgatorio, & declaroulhe a culpa principal porque o padecia, & o modo, que podia aver pera o santo filho lhe dar remedio nelle, o que o santo Varão comprio. E elle lhe tornou apparecer, & lhe deu conta como estava já livre da pena. A máy de Fr. Henrique ficando viuva por morte de seu marido, foi molher de abalifada virtude; & mostrou Deos em seu corpo, & coração depois de morta sinais maravilhosos. Sendo fallecida appareceo ao filho em revelação, & contoulhe grandissimas merces, que tinha recebido do Senhor. Por este modo vio, & fallou a muitas almas, que foi cousa, que por então lhe deu algum alivio, & muito tempo o ajudou a perseverar naquella aspereza de vida que seguia.

CAPITULO VIII.

*De como se avia o B. Fr. Henrique
quando avia de ir ao refeitorio,
& quando comia nelle.*

TOdas as vezes que este santo varão avia de hir ao refeitorio tinha por cuitume sentarse primeiro de joelhos diante de Deos, & entregue a hũa profunda meditação da alma, pedialhe efficaçamente quisesse acompanhalo, & comer com elle: Suavissimo Iesu, dizia, com grande gosto & vontade dalma vos convidado agora. Peçovos Senhor que assi como misericordiosamente me dais de comer, assi queirais hoje acompanharme com vossa presença. Tanto que se asentava a mesa figurava de fronte de si, como em objecto aquelle amorosissimo hospede das almas puras, & fazendo conta, que o tinha alli consigo, punha nelle os olhos branda, & alegremente, outras vezes reclinavasse a seu lado. Cada prato, que lhe trazião offerecia a este pai de familias celestial, & pedialhe que lhe deitasse sua benção, usando de palavras familiares, que as mais das vezes erão estas. Aman-tissimo Senhor peçovos que comais comigo.

migo. Meu Senhor Iesu benzei , rogo-
vos , este comer. E tomai delle junta-
mente com este pobre servo vosso. Taes
erão os amores , que tinha neste lugar
com a Eterna sabedoria. Quando avia de
beber primeiro lhe offerencia o copo ro-
gandolhe que bebesse. Tinha por costume
beber a mesa finco tragos sòmente , & es-
tes fazia conta , que os bebia das finco
chagas de seu amado Iesu. E porque do
sagrado lado saio juntamente sangue , &
agoa , repartia este trago em dous. O
primeiro bocado , & o derradeiro toma-
va pollo amor do mais abrazado coração ,
que podia aver na terra pera com Deos :
& polla mais inflammada charidade do
mais alto Serafim do Ceo , com desejo de
alcançar pera sua alma perfeita communi-
cação destes dous amores. Se lhe davão
algum comer , que não era de seu gosto ,
servialhe de fal pera o levar , o coração
de Christo banhado em sangue , & assi o
passava sem duvidar , & sem receo de
lhe fazer dano. Era o Sancto muito ami-
go de maçãs , & o Senhor mandavalhe
que as não comesse. Em hũa visão , que
teve parcialhe que lhe davão hũa maçã ,
& que quem lha dava lhe dizia. Toma ,
& farta a vontade , que estas são as mise-
rias em que tu andas buscando gostos.
Respondendo o Santo que em nenhũa

cousa tinha gosto se não na eterna faber-
dura: disse-lhe o outro que mentia por
que o certo era que folgava mais do ne-
cessario com maçãs. Ficou daqui o San-
cto tão corrido, que em dous annos de-
pois não sòmente não comeo maçãs, mas
nem ainda as tomou na mão. Tendo pas-
sado os dous annos não sem a faz saudades
desta fruta, succedeo aver no terceiro tão
fraca novidade della, que se não dava
aos religiosos em communidade, & elle
ainda que tinha acabado consigo a pesar
de trabalhosas contendas, & varias con-
tradiçoens do espirito não procurar na
mesa, nem desejar pera si em particular
nenhũa cousa principalmente de fruta;
pedio a nosso Senhor, que se fosse seu
serviço tornar elle a comer maçãs, orde-
nasse de maneira, que as ouvesse pera to-
da a communidade. Despachoulhe o Se-
nhor esta petição à medida de seu desejo,
& aconteceo, que amanhecendo o dia
seguinte, chegou hum homem não conhe-
cido ao convento com huma boa quan-
tidade de moeda feita de novo, que lhe
deixou com condição, que se empregas-
se toda em maçãs; fizerão assi os fra-
des, & por muito tempo tiverão maçãs
continuas no refeitorio, & desde então
começou Fr. Henrique a comellas com
gosto. As maçãs maiores fazia em quatro
quar-

quartos, destes comia tres em nome da Santissima Trindade, & o outro em reverencia do amor com que a virgem Sacratissima dava as maçans a seu precioso filho sendo minino, & este quarto comia sem o aparar, porque assi as comem os mininos. Do natal por diante até alguns dias depois não tocava neste quarto, oferecendo em seu pensamento a Virgem purissima para que ella de sua mão o desse ao minino Iesu por cujo amor folgava de o deixar. Se alguma hora lhe acontecia sentirse muito apetitoso de comer, ou beber pejavasse & avia vergonha da sua veneravel esposa a eterna sabedoria, que fazia conta, que tinha presente, & se por esquecimento passava por qualquer cousa destas, elle mesmo se dava o castigo. Chegouse hũa vez hum peregrino a elle, & disselhe que em huma visãõ lhe fora mandado do Ceo, que se queria guardar a ordem devida no comer se fosse a elle & lhe pedisse quisesse ensinarlhe as regras & exercicios, que neste particular usava.

CAPITULO X.

De como se aparelhou Fr. Henrique pera entrar no anno novo.

EM Suevia, donde Fr. Henrique era natural, he costume em algumas terras entre mancebos leves, & ociosos, quando chega o primeiro dia de Janeiro arruarem toda a noite, & procurar cada hum aver huma capella da mão de suas damas, & a este fim compoem trovas, & dão musicas, & finalmente usaõ de todo artificio, & endustria pera obrigarem às damas. Vindo o Santo varão a saber isto foy a couza, que mais lhe caio em graça, & melhor lhe pareceo a sua arte. E logo na mesma noite se determinou elle tambem visitar sua Senhora, & pedirhe huma capella. E assi antes de nacer o Sol foisse a onde estava huma imagem de Nossa Senhora, que tinha entre seus braços o Minino Iesu brandamente apertado nos peitos, & posto de joelhos diante della com huma musica dalma calada, & suave começou a cantar hũa sequencia da Virgem pedindolhe por merce abrisse caminho pera elle alcançar de seu bento filho hũa capella, & o que faltasse em seu mere-

merecimento, suprisse ella com sua misericordia. Fez isto por muitas vezes tão de veras, & acudiolhe tamanha força de choro, que todo se banhava em fervorosas lagrimas. Acabada esta musica voltasse pera aquella, que unicamente amava, digo a Eterna sapiencia: & prostrado a seus pes, adorava a do mais intimo de sua alma, & engrandecia com muitos louvores sua fermosura, seu valor, suas virtudes, sua brandura, & liberdade junta com eterna authoridade, & respeito, & affirmava, que em nenhuma dama do mundo, por fermosa que fosse estavam tambem estas partes como nella. Isto fazia com o canto, com as palavras, cos pensamentos, & cos desejos como melhor podia, & juntamente estava desejando de poder ser por modo spiritual como hum messageiro de todos os coraçoes namorados, & como hum golfo, & amontoamento de todos os pensamentos palavras, & sentidos, que nadem do amor, pera que assi pudesse dar louvores a Sapiencia iguaes com seu merecimento, pois por outra parte se sentia indigno de a poder louvar. Em fim falando com ella lhe dizia. Vòs sois ò amada minha, minha alegre pascoa, vòs estio florido de meu coração, vòs minha hora de gosto, vòs sois aquella a quem sò ama, & de quem

quem sò faz conta esta alma minha, & por cuja causa tem dado de mão a todo o amor mundano. Peçovos Senhora que me valhais nisto, & que mereça eu hoje alcançar de vòs húa grinalda. Fazeime, rogovos Senhora benignissima, esta merce pola vossa liberalidade divina, polla vossa natural bondade, & não permittaes que neste principio de anno me aparte eu de vòs com as mãos vazias, que não estará isso bem a quem vòs sois, ò doçura da vida. Lembrevos Senhora que testemunha de vòs hum leal servo vosso; que não se acha em vossa casa, si, & não, senão, si, & mais si. Eia pois alegria de meu coração daime por favor celestial huma aprazivel, & graciosa capella pera que assi como a recebem esses dezatinados amadores do mundo feita por mãos humanas, assi a minha alma receba neste dia por meio das vossas clementissimas, ò sabedoria suavissima, alguma graça particular, ou nova luz em lugar de laneiras. A este modo costumava o Sancto fazer suas oraçoens, & nunca já mais lhe acontecia enganallo a esperança, com que entrava nellas.

CAPITULO XI.

*Das considerações com que o Beato
Fr. Henrique cantava as pala-
vras do Prefacio : Sursum
Corda.*

HUma hora preguntavão a Fr. Hen-
rique seus amigos, que tenção ti-
nha quando cantando a missa começava
a entoar aquellas palavras do Prefacio,
Sursum corda (Cuja significação he, que
se levantem, & suspirem a Deos os co-
raçoens de todos) porque as dizia com
tanta efficacia, & sentimento, que esper-
tava nos ouvintes hum particular movi-
mento de piedade, & devação. Aos quais
o Santo Padre com facilidade respondeo
desta maneira: Quando na missa pronun-
ciava estas palavras as mais das vezes me
acontecia derreterseme a alma, & o co-
ração com ardentes saudades, que na-
quelle ponto sentia de Deos que erão tais,
que me roubavão o coração & mo fazião
fuir de si. Era a causa tres soberanos, &
poderosos pensamentos, ou discursos,
que em meu entendimento se movião,
dos quais naquella hora se me offerecião
hora hum, hora dous, & as vezes to-
dos

dos tres, & tinham força pera me enlevar, & arrebatat todo em Deos, & por meu meo a todas as creaturas, O primeiro, que interiormente me occorria era este. Propunhame a mi mesmo diante dos olhos da alma todo tamanho sou com alma, & corpo, & todos meus sentidos, & ao redor de mi assentava todas quantas creaturas à por toda a parte feitas por Deos, la nos Ceos, ca na terra, & nos elementos, & cada hũa por si nomeadamente como as aves do Ceo, as feras dos bosques, os peixes das agoas, & todas as cousas, que a terra produz tè a mais pequena ervinha do campo, as areas do mar sem conto, & todos os argueiros que se descobrem nos raios do Sol, juntamente todas as gotas de agua que procedem, & ande proceder do orvalho, da neve, das chuvas, & estava notando como cada cousa destas, do mais intimo centro de meu coração hia levantando em alto com hũa suave harmonia como de hũa bem tocada viola, todo de cabo a cabo cantavão novos, & altissimos louvores ao amantissimo, & suavissimo Deos. Então com hum crecido alvoroço se estendião os braços de minha alma contra aquelle concurso infinito de creaturas com tal tenção, que todos por meu meo brotassem louvores Divinos: como faz,
sob
nem

nem mais, nem menos hum destro, & entendido mestre de capella, quando convidava seus companheiros, que cantem alegremente, & levantem os corações a Deos dizendo, *sursum corda*. O outro discurso era este. Representava em minha memoria meu coração, & os corações de todos os viventes & imaginava, que de gosto, & alegria, que de paz, & amor possuem aquelles que sò a Deos rendem seus corações! E pello contrario quanto mal, & quanto trabalho, quantos tormentos, & alterações causa o amor das cousas transitorias a quem se vai traz ellas! E assi com grande fervor, & affecto da vontade, falava com meu coração, & com todos os mais do mundo por onde quer que vivem, dizendo. Eia sus cativos corações, entregues a hum triste cativoiro, acabai já de resuscitar da morte dos vicios. Eia sus corações vaõs, & dissolutos, sahi já da froxidão, & tibieza desta vida torpe, & descuidada. Alto, alto levantar a Deos com huma conversão perfeita, & desembaraçada de todas as cousas da vida *sursum corda*. A terceira consideração era huma charitativa compaixão, & lastima de todos aquelles que tendo bons desejos todavia não acabão de estar resignados, & entregues nas mãos de Deos, & estando em
fi

fi levão o caminho perdido, & andão enredados em erros, & a causa he porque trazem o coração repartido em varias partes & andão derramados nas cousas temporaes. A estes todos, & a mi com elles provocava eu a tentarmos huma confiada, & desasombrada experiencia de nossas forças, & do que nos cumpre pera a salvação com hũa perfeita renunciação de nos mesmos, & de todas as creaturas dizendo. *Sursum corda.*

C A P I T U L O XII.

Do modo com que o Santo solenizava a festa da Purificação de nossa Senhora.

TRes dias antes do em que a Igreja celebra a festa da Purificação da Virgem gloriosissima lhe fabricava o Santo com suas oraçoens huma candeia, a qual fazia de tres pavios. O primeiro à honra de sua inteirissima pureza. O segundo em reverencia de sua immensa humildade. O terceiro em veneração da dignidade de mãy de Deos, que são as tres excellencias, em que esta Senhora he avantajada a todos os mortaes. Esta candeia espiritual, que digo começava tres dias antes da

da festa rezando cada dia tres vezes a *Magnificat*, & quando chegava o dia da festa hiasse polla manhãa à Igreja antes que ninguem viesse, & pegado com o altar mór esperava ali em meditação até a Santa parida entrar com seu divino peñhor. Considerando que chegava à primeira porta da cidade fazia conta que fahia a recebella em companhia de todos os coraçõens que amão a Deos, mas levando a todos a dianteira em affecto, & devação dalma. Na praça chegavasse a ella, & pedialhe quizesse ali parar hum pouco com seu acompanhamento, em quanto a fervia com hum Cancico, & logo começava à pressa *Inviolata &c.* com huma armonia espiritual, & calada de maneira que se lhe vião mover os beiços mas não se lhe ouvia a voz. Isto cantava com a maior devação & amor que podia, & quando dizia, ò benigna, ò benigna abaixavalhe a cabeça em sinal de reverencia, pedindolhe mostrasse sua clementissima benignidade pera com o peccador miseravel. Dali passando seguia a Senhora com seu cirio espiritual acezo, desejando que não consentisse ella já mais que se apagassem em sua alma as chamas do divino fogo. Depois chegando se à companhia dos servos de Deos que a acompanhavão entoava aquelle cantico. *Ador-*

na *thalamum* &c. & lembravalhes que recebessem dignamente o Salvador, & festssem com alvoroço a Virgem sua mãy. E assi os levava todos ao templo com hymnos, & louvores. Antes da Virgem entrar dentro, & entregar o Redemptor ao Santo Simeão, chegavase de novo a ella com hum afervorado desejo, & com os joelhos em terra, & as mãos, & olhos levantados pedialhe que lhe mostrasse o minino, & lhe desse licença pera lhe beijar os pès, o que consentindo a Senhora estendia o Santo seus braços & com elles juntamente toda a machina do mundo, & tomava no collo o amado Esposo de sua alma, & num breve espaço o abraçava cem mil vezes, contemplava aquelles olhos fermosissimos, & aquellas mãos de neve, beijava com humildade todos aquelles divinos membros, tenros, & pueriz. Em fim contemplando tudo, & levantando os olhos para o Ceo com espanto, chorava em seu coração, todo pasmado de ver o author do Ceo tão immenso, & aqui tão pequeno, tão fermoso nos Ceos, & menino na terra. Ali se occupava todo com o bom Iesu, hora cantando, hora desfazendose em lagrimas, entregue a toda a sorte de exercicios espirituais. Ultimamente entregavao a sua mãy, & entrava com ella no templo até se acabar toda a solemnidade. CA-

CAPITULO XIII.

De como se avia o B. Fr. Henrique nos dias do entrudo.

AO fabbado antes da Dominga da septuagesima, em que a Igreja deixa de cantar a alleluia que he o tempo em que os homens mundanos andão mais soltos, & dados a defatinos & vicios com a visinhança do entrudo, ordenou Fr. Henrique de fazer pera si em sua alma hum entrudo celestial, por esta maneira. Considerava primeiro quam momentaneo, & prejudicial era o gosto do entrudo carnal, & como os mais dos homens por hum breve passatempo comprão desaventuras, & miserias prolongadas, & rezava o Psalmo do *Miserere mei Deus*, em honra do Senhor, & por todos os peccados, injurias, & affrontas que se lhe fazião naquelle devasso tempo, & a este chamava elle entrudo de villãos, como de gentes que por ignorantes não alcanção cousas mais altas. Depois meditava nos ensaios da vida celestial, considerando como Deos honra a seus servos ainda vivendo na carne mortal, & corruptivel, quasi como passando tempo com elles por meio de
divi-

divinas consolaçoens. Logo passava pella memoria tudo o que neste genero tinha experimentado em si , acompanhando com muitas graças , & louvores ao Senhor. Ainda no tempo de sua conversão teve o Santo hum espirital entrudo do Ceo que passou desta maneira. No mesmo dia de entrudo antes de completas tinhase recolhido o Santo a hũa estufa , pera se aquentar porque se perdia de frio , & de fome , mas muito mor trabalho lhe dava a sede , que juntamente padecia. E vendo ali muitos que se fartavão de carne , & vinho quando elle morria de fome , & sede sentiose mover interiormente , & foise logo fugindo polla porta fora arrancando grandes suspiros dalma com dò , & compaixão de si mesmo , mas na mesma noite teve hũa visão em que lhe parecia que se achava em huma enfermaria , & da banda de fõra ouvia cantar hum hymno celestial com tanta mellodia , & concerto , que não se lhe podia comparar nenhũa bem acordada viola , & era a voz como de hum moço de escola de idade de doze annos. Ficou logo Fr. Henrique esquecido da pena que lhe davão a fome , & a sede , & estava mui attento , & com as orelhas promptas ouvindo a musica. E dizia com o fervor da alma quem he o que canta ali fora ? Eu não ouvi

ouvi já mais na terra tão acordada harmonia. Respondialhe hum mancebo, de gentil disposição que naquella hora chegava. Sabereis que aquelle moço não vem cantar a outrem, senão a vós, & por vosso respeito dà esta musica. Replicava o Santo. O' se Deos se lembrase de mi? Peço-vos celestial mancebo, que lhe mandeis que torne a cantar. Tornou então o moço a começar de novo a musica com hum tiple altíssimo, & não parou até dar fim a tres canticos celestiaes. Os quais acabados parecialhe a Fr. Henrique que o moço se sobia pellos ares às janellas da enfermaria, & lhe offerencia hum ramo apinhado de huns fructos vermelhos como morangaos, que o mancebo lhe tomava das mãos, & alegremente lho apresentava com estas palavras. Tomai Irmão, & companheiro meu esta fructa de que vos faz merce aquelle Senhor, que vos mais ama, filho delRey Eterno que he o lindo moço que ouvistes cantar. O' se soubesfeis bem quanto vos quer. Ouvindo isto Fr. Henrique era tal o prazer que sentia, que se lhe acendia todo o rosto em cor de sangue, & recebendo alegremente o ramo dizia. O' venturoso homem, que pode alcançar deste divino Senhor huma tão alta merce com que não he possível deixar de ser alegre esta alma perpetua-

D

mente.

mente. E voltando pera o mancebo que lho dera, & pera outros espiritos bem-aventurados, que tambem erão presentes. Chariffimos amigos, dizia, não vos parece razão, que ame eu de todas minhas forças este gracioso, & soberano menino? Merecedor he de verdade que o ame. E se a mi me constara qual he sua vontade, fizeralha eu em todas as maneiras. Logo tornava pera o mancebo que lhe dera o ramo, & dizialhe. Dizeime por vida vossa, amado mancebo, pareceyos que faço nisto o que devo? Ao que elle sorrindose respondia, mui bem o entendeis. Iusto, & divido he que queirais muito a quem com mais afeição vos olha, & quer, que a muitos outros. Pello que vos lembro que façais pello amar de todo coração, & que estejais apercebido, porque sabeis que cumpre padecerdes muito, & mais do que muitos outros padecerão. Tudo farei quanto dizeis, disse o Santo, de mui boa vontade, mas peçovos que façais, que possa eu vello pera lhe agradecer este rico presente. Chegai à janella, tornou o mancebo, & olhai. Abrio Fr. Henrique a janella, & vio hum moço como estudante de tão acabada fermosura, qual nunca vira outro; & querendose lançar a elle pella janella, fezlhe o moço huma amorosa inclinação, & deitou-lhe

lhe huma benção, & subitamente desapareceo. E por aqui acabou a visão. Tornando o Santo em si rendeo as graças ao Senhor por este divino entrudo que de sua mão recebera.

CAPITULO XIII.

De como festejava o Beato Fr. Henrique a entrada de Maio.

NA noite do primeiro dia de Maio costumava o Santo colher spiritualmente, & guardar pera si hum ramo verde ao qual venerava alguns dias com oraçoens cotidianas. E como pera aver este ramo não pòde nunca achar arvore mais fresca entre todas as que florecem na terra por mais bellas, & bem asombradas, que fossem, que o lenho excellente da Sagrada Cruz, que em graça, & virtudes, & em todo o genero de perfeição he mais nobre, & mais fresca arvore de todas as arvores; debaixo dos ramos desta divina arvore, & à sombra della se debruçava no chão seis vezes desejando a cada huma dellas em sua contemplação de lhe enramar, & entertecer as folhas misticas das mais bellas, & mais cheirosas boninas, que produz o florido

verão, & dizia cantando entre si o hymno. *Salve Crux sancta &c.* ajuntando mais estas palavras. Deos te salve arvore celestial de faude perpetua onde creceo o fructo da eterna sabiduria. Primeiramente em lugar de todas as rosas encarnadas pera teu ornamento, & atavio continuo, te offereço hum amor entranhavel. Em segundo lugar te offereço por todas as violas que nacam à face do chão hũa humilde sojeição. Em terceiro por todos os cheirosos lirios hum abraço de pureza. Em quarto hum espiritual osculo dalma por toda a sorte de lindas, & agraciadas flores tanto em frescura, como em cores, que neste verão criarem ou tenham criado dantes ou ajão de criar despois os matos, os prados, os bosques, as arvoredos, os lardins, & os campos. Em quinto lugar te offereço louvores infinitos de minha alma polla musica que todas as aves, que alegremente voão por estes ares, derem daqui te o fim do mundo sobre quaisquer raminhos de arvoredos. Em sexto por toda a sorte de graça, & frescura, que o verão pôde communicar a huma planta; te engrandece hoje meu coração com espiritual harmonia rogandote, que me socorras, arvore bendita, pera que de tal maneira mereça eu louvarte no transe desta breve vida, que na outra seja digno

digno de gozar eternamente de ti que es fructo de vida. Desta maneira festejava o Santo a entrada de Maio.

CAPITULO XV.

Da maneira que o B. Frei Henrique acompanhava a Christo em todos os passos de sua sagrada Paixão.

TEVE o Beato Fr. Henrique no principio de sua conversão muitas consolaçoens, & mimos do Ceo, com que Deos o recreou por muito tempo, dos quais vivia tão satisfeito, que tudo o que era tratar da gloria, & divindade do senhor era pera elle suave, & deleitoso. Mas se queria lembrar-se de sua paixão, ou por-se em ordem de a imitar em alguma parte, nenhuma cousa sentia mais defabrida, nem mais aspera de levar ao cabo. Donde naceo, que o Senhor o reprehendeo: hum dia asperamente lhe disse. Tam mal sabes tu que sou eu a porta pella qual he forçado entrarem & passarem todos os verdadeiros amigos de Deos, que pretenderem alcançar gloria? Convem, sem duvida, que passes pellas affliçoens de minha atribulada humanida-
de

de conformandote com ella se queres de verdade chegar à divindade nua, & prefeita. Ficou Fr. Henrique temeroso desta pratica, & trabalhava por se applicar ao que o Senhor lhe dissera ainda que com grande repugnancia de seu gosto. E assi começou a aprender huma sciencia, em que dantes estava rude, entregandose todo com o animo rendido nas mãos de Deos. Da hi em diante todas as noites depois de matinas recolhendose no Capitulo, custumava exercitar-se em huma representação ao vivo da Paixão de Christo fazendo conta, que o acompanhava, & padecia juntamente, assi nos passos que andou, como em tudo o mais que por nós padeceo. Passeava de canto a canto pera deitar de si o sono, & a preguiça, & estar mais prompto, & mais esperto na meditação, & sentimento da sagrada Paixão. O lugar donde começava era o da ultima cea. Daqui sahia com Christo, & corria com elle todos aquelles lugares sagrados sem deixar nenhum te o trazer diante de Pilatos. Em fim recebiam sentenciado à morte dante o tribunal, & passava com elle aquelle lastimoso caminho, que o bom Iesu fez com a Cruz às costas desde mesmo lugar te o monte Calvario. A ordem que levava neste caminho da Cruz era a seguinte. Chegando à porta do

do Capitulo pera sair, primeiro que tudo com os joelhos em terra beijava as pisadas do Senhor, que fazia conta que saia por ali já condenado à morte, & caminhava pera o lugar della, & aqui rezava o Psalmo. *Deus Deus meus respice in me &c.* E assi sahia pella porta fora & hia dando volta pella crasta, onde tinha formado em sua imaginação quatro praças pellas quaes avia de passar em companhia do Senhor, & chegando à primeira passava a com desejo, & determinação de largar todos os bens temporaes, amigos, & fazenda, & padecer em honra, & louvor de Christo hum desterro desemparado de todo alivio, & hũa pobreza voluntaria. Na segunda propunha dar de mão a todas as honras, & dignidades da terra, & fazer diligencia por chegar a hum voluntario desprezo do mundo: considerando como o mesmo Senhor chegou a estado de bicho, & não de homem, & foi avido por afronta dos homens, & desprezo do povo. Na entrada da terceira praça tornava a por os giolhos em terra, & beijar o chão & ali com animo livre, & resolute engeitava todo o descanso, & repouso desnecessario, & todo o refrigerio, & recreação corporal à honra daquelle delicadissimo corpo de seu bom Iesu, espedaçado com tormentos:
pondo

pondo naquelle passo diante dos olhos, o que está escrito, que se secou sua força como telha, & que foi tornado em pô de morte. E tendo presente na imaginação a crueza com que aquelles algozes o empuxavão, considerava que com muita razão não averia olhos, nem coraçãoes tão duros donde a lastima disto não arrancasse lagrimas, & gemidos, de compaixão. Chegando à quarta, & ultima praça lançavasse de joelhos no meio della fazendo conta que o fazia diante da porta da cidade por onde o Senhor avia de sair, & posto diante, beijando primeiro o chão, pedialhe efficazmente que não quizesse ir a morrer se elle antes consentisse, que acabasse juntamente em sua companhia, pois de força avia de passar o Senhor por junto delle. Estas cousas todas retratava o Sancto o melhor que podia em sua alma, & tanto ao vivo como se na verdade passarão allí em sua presença, & dizia aquella oração. *Ave Rex noster fili David &c.* E allí deixava passar o Senhor. Depois tornandose a por em joelhos contra a porta recebia tambem a Cruz com este verso. *O Cruz ave spes unica &c.* & deixava a tambem passar diante. Então fazia outra grande reverencia com os joelhos em terra à Virgem gloriosissima Rainha dos Ceos, que passava

fava por junto delle, & hia traz seu filho trespassada de dores mortaes. Ali estava considerando os gestos, & mecos lestemosos da Senhora, os rios de suas ardentes lagrimas, seus profundos & magoados suspiros, & a tristeza immensa de seu Divino rosto, & rezavalhe huma *Salve Regina &c.* E beijava com grande devação suas pizadas. Logo se levantava, & tornava a caminhar traz o Senhor até o alcançar, & se por a sua ilharga. E isto ainda que imaginado, tinhao algumas vezes tão presente, como se corporalmente o acompanhara. E vendo tão só considerava como fugindo elRey David de seu filho Absalão, nunca lhe faltarão soldados valerosos, que o acompanhavão, & familiarmente lhe assistião a hum, & a outro lado. Aqui rendia, & renunciava todo seu querer, & vontade nas mãos divinas, resolutto em não engeitar nada de tudo quanto Deos quisesse ordenar delle. Depois trazia à memoria aquella lição do Propheta Isaias, que se lê na festa feira da semana sancta, & começa, *Domine quis credidit auditui nostro. &c.* Na qual se pinta ao vivo esta faida do Senhor pera o monte Calvario. Com esta consideração entrava pella porta do choro, & subia-se ao presbiterio do altar, & ahi lançandose por terra diante

de

de huma Cruz pedia ao bom Iesu que não quisesse consentir velo apartado de si em tempo algum, nem na morte, nem na vida, nem nas boas venturas, nem nas adversidades. Costumava tambem o Santo fazer outro caminho spiritual da Cruz por esta ordem. Quando se cantava a *Salve Regina* às completas contemplava em sua alma a Virgem sagrada encoitada sobre o sepulchro de seu Filho cercada de hum mar de dores, & imaginava que erão horas de a recolher pera casa, & que este officio estava a sua conta. E assi fazia tres venias em spirito, & a cada hũa dellas beijava o chão, & desta maneira a acompanhava até casa. A primeira venia fazia junto do Sepulchro; porque tanto que se começava a *Salve* inclinava sua alma aos pés da Senhora, & tomavaa em seus braços spiritualmente, & alli chorava a desconsolação daquelle peito maternal cheo de amargura, de desprezos, de afrontas, & de mui amargosa tristeza, & consolavaa com lhe lembrar que em recompensa destes trabalhos era agora Rainha poderosa, Rainha de misericordia, vida, doçura, & esperança nossa. Chegando às portas de Ierusalem adiantavasse hum pouco, & virando pera tras punha os olhos nella, vendo quam lastimosa vinha, tinta, & banhada do sangue que sobre ella estilla-

estillarão os rasgados membros de seu precioso Filho, & que desemparrada de toda consolação. Aqui tornava a beijar o chão com grande devação, & recebendoa com as palavras. *Eia ergo advocata nostra &c.* encomendavalle que estivesse de bom animo, pois já era de todo o genero humano avogada dignissima, & rogavalle que pufesse nelle os seus piadosos olhos pello amor daquelle lastimoso, & magoadado aspecto que trazia, & lhe mostrasse brando, & benigno, despois do desterro desta vida, a Iesu fruto bendito de seu ventre. A terceira venia fazia às portas da casa de Santa Anna máy da Senhora, aonde entrava desfazendose em lagrimas, & encomendavase em sua brandissima misericordia, & em sua brandura misericordiosissima com as devotas palavras. *O clemens, O pia, O dulcis Maria,* & pedialhe que na hora da morte recebesse sua alma pobre, & desterrada, & a levasse, & a defendesse dos inimigos infernais, & a encaminhasse pellas portas do Ceo a porta da eterna bemaventurança.

CAPITULO XVI.

Do cuidado com que o B. Fr. Henrique guardou a virtude utilissima do Silencio.

TInha o B. Fr. Henrique grandes impulsos interiores que o obrigavão a procurar, & buscar a paz verdadeira da alma: pera o que entendia, que era como fundamento principal o silencio. Pello que teve tal guarda na boca, que em trinta annos nunca na mesa quebrou o silencio senão foi huma vez comendo em humano com muitos frades, com que vinha de Capitulo. E pera se fazer mais senhor da lingua, & não ser arremessado no falar tomou em sua imaginação tres mestres sem cuja licença particular não falava. Estes erão os Padres S. Domingos, Santo Arsenio, & S. Bernardo. Avendo de dizer alguma cousa logo em seu pensamento os corria todos pedindo licença a cada hum, & dizendo *Iube Domine benedicere*. E se o que queria dizer se podia fazer em tempo, & lugar acomodado, fazia conta que tinha licença do primeiro. E se estava certo que da pratica lhe não naceria nenhum inconveniente, ou embaraço

baraço de fora, tinha tambem licença do segundo, & se sentia que o que queria falar lhe não causaria dezafoego algum, ou alteração interior, já então avia que todos tres lhe davão licença, & assi acabava de soltar o que queria dizer. Mas se lhe acontecia entender outra cousa neste exame, parava, & não sahia dos limites do silencio. Quando acudia á portaria chamado por alguém procurava guardar quatro cousas. A primeira atalhar a todos com benignidade. A segunda concluir em poucas palavras. A terceira não deixar ir ninguem desconfolado. A quarta tornar pera a sua cella sem levar nenhum dano da conuersação ou lhe ficar preso nella algum affecto da vontade.

C A P I T U L O XVII.

*Das asperas penitencias com que o
B. Fr. Henrique mortificava
sua carne.*

ERa Fr. Henrique em sua mocidade de hũa natureza depravada, & lasciva, & como hia entrando na idade começavão os vicios a fazer nella grande abalo: do que o Santo recebia assaz desgosto conhecendo quam pezada era a car-

ga da humanidade mal mortificada , quanto mais de seu proprio corpo. Por esta rezão inventava muitas cousas fagazmente traçadas , & affligia seu corpo com crueis penitencias , trabalhando pello trazer so-geito ao spirito. Primeiramente trouxe muito tempo hum cilicio , & huma cadea de ferro cingida no corpo , atè que pollo muito sangue que lhe sahia das chagas que lhe causava foi forçado a tiralla. Mandou secretamente fazer humas cirou-las de aspero cilicio , & nellas humas fitas para se atar , em que avia cento & sinquoenta agulhas de metal adelgassadas a lima cujas pontas trazia sempre viradas pera a carne. Estas cirou-las erão muito justas , & pella dianteira apertadas pera se chegarem mais ao corpo , & assi entrarem as agulhas mais pella carne , & chegavão-lhe atè o embigo , & dormia com ellas de noite. Neste tormento passava as calmas do estio , quando vinha de fora afrontado do caminho , & desfalecido de forças , & alento ; ou quando acabava de ler sendo mestre ; & de maneira jazia apertado , que tambem os bichos lhe fazião guerra , & assi forçado da necessidade , hora se encolhia , hora se torsia , hora se revolvia de huma banda para outra , como faz hum bicho , se o picão com huma agulha. Muitas vezes ficava tal da guerra
que

que lhe fazião os piolhos, como se estivesse rodeado de muitas formigas, porque ou quisesse cerrar os olhos, ou estivesse já dormindo saltavão nelle, & mordião-no, & bebendolhe o sangue o atormentavão cruelmente. Nestas occasiões costumava algũas vezes dizer a Deos de todo coração. O meu Deos, & quam penosa morte he esta, quem he morto por falteadores, espedaçado de feras alimarias acaba de huma morte abreviada: mas eu jazendo entre bichos, & cercado delles, vejome morrer de continuo, & vejo que não posso acabar, & todavia consentir tantas penas: nunca pòde acabar consigo afroxar nada deste rigor; nem nas compridas noites do Inverno, nem no fervor do estio. Antes pera ter menos alivio acrescentou outra cousa de novo. Lançou ao pescoço hum pedaço de cinto, que lhe ficava como colar, & nelle pegou artificialmente duas manilhas feitas de couro, nas quaes metia as mãos, & as fechava, como em algemas, com dous cadeados, & as chaves delles punha sobre hum banco, diante do leito, em que jazia, & não se soltava senão quando erão horas de se levantar pera as matinas. Ficavão-lhe os braços pegados na garganta, & estendidos pera cima, & era a prisão tão firme, que bem se lhe podia
quei-

queimar a cella, & o mosteiro todo sem elle ser poderoso pera se remedear em nada como não usasse das chaves. Continuou neste martirio tanto tempo, que lhe começaram a tremer as mãos & braços em grande maneira por se apertar tanto. Então buscou outra invenção. Fez fazer humas luvas de couro como as de que usão os trabalhadores em officios perigosos pera as mãos, & os lavradores pera arrancar cardos, & espinhos & mandouas semear todas de preguinhos de bronze de pontas agudas, & calçavaas de noite pera que assi se ferisse, & magoasse se acaso dormindo quisesse afastar de si, ou afroxar as ceroulas de cilicio, ou valerse de algũa maneira das mãos contra os bichos quando o comessem, & assi lhe aconteceu, que querendose ajudar das mãos quando dormia & cosandose nos peitos com os pregos, abria as carnes tão crua, & feamente que parecião rasgadas das unhas de algum uíto, & chegava a estado que lhe inchavão os braços, & os peitos. E sendo as feridas taes, que não sarava dellas senão acabo de muitos dias, com tudo, em sendo sam logo tornava de novo ao mesmo tratamento. Neste penoso exercicio, ou por melhor dizer martirio, continuou o Santo dezaseis annos: no cabo dos quais refriandose lhe já
ana-

a natureza, & sentindo muitas contrariedades, & miserias della, teve huma visão de Anjos, em hum dia de Pentecoste, que lhe certificarão ser Deos servido, que não padecesse mais tal trabalho, & elle obedecendo logo, & desistindo de tudo lançou num rio todos aquelles instrumentos.

CAPITULO XVIII.

De huma aspera Cruz que o Beato Fr. Henrique trouxe entre as espadoas.

Sobre todos os outros exercicios de penitencia, que o B. Fr. Henrique continuou, levavase com grande gosto daquelles que lhe fazião trazer em seu corpo algum sinal de compaixão experimental, & sensível dos crueis tormentos que o Senhor padeceo na Cruz. E a este fim fabricou por suas mãos huma Cruz de pao de comprimento de hum palmo, & de largura proporcionada, & pregou nella trinta cravos em honra, & memoria de todas as chagas com que Christo testemunhou o grande amor que teve ao genero humano. Esta cruz assentou nas costas sobre a carne nua estendida entre

E

as

as espadoas , & trouxe a oito annos con-
tinuos de dia , & de noite , em louvor de
Christo seu Senhor crucificado. No der-
radeiro anno acrecentou mais sete agu-
lhas , cujas pontas furavão a Cruz pello
meio , & sahião a outra parte , ficando
nella bem refirmadas , & cortadas pella
parte de cima. O sangue , & dores que
estas lhe causavão recebia a honra daquella
dor penetrante , & agudissima , com que
foi trespassado o coração , & alma da Vir-
gem sagrada na morte de seu filho. A pri-
meira vez que poz esta Cruz , & a aper-
tou consigo , assombrouselhe a natureza
como delicada que era , & ficou chea de
pavor. Pello que com huma pedra em-
botou hum pouco as pontas dos cravos.
Mas logo sentindo verse vencido de tal
puffillanimidade , tornou os a apontar to-
dos com hũa lima , & pollos sobre a car-
ne. Em todas as partes das costas , onde
ha ossos que sahem pera fõra , a Cruz lhe
fazia sangue , & chaga. Quando quer que
andava ou se deitava pareciahe que an-
dava vestido em hũa pelle de ourisso. Se
alguem desatentadamente lhe tocava na-
quella parte ou o empuxava , magoavao.
Com hum sò remedio lhe pareceo que fa-
ria toleravei tão trabalhosa Cruz , & foi
entalhar como entalhou nas costas della
o salutifero nome de Iesu. Alèm das affli-
çoens

çoens ordinarias , que o Santo padecia com esta Cruz , duas vezes cada dia se disciplinava com ella por este modo. Davalhe punhadas em cima , & os cravos entrados pella carne , pregaváose de maneira , que era necessario pera os tirar despirse primeiro. Isto sabia fazer tão encubertamente , & com tal aviso que ninguem lho podia entender. Este modo de disciplina tomava quando nas meditações que tinha da paixão chegava a contemplar a coluna , em que seu Deos , & Senhor , aquelle mais fermoso , & mais perfeito que todos os filhos dos homens , foi tão deshumanamente açoutado com varas , & azorragues , & pedialhe que com aquellas divinas chagas farase as suas. Outra vez se disciplinava quando chegava com o Senhor ao lugar da Cruz , & o considerava pregado nella com cravos , então se apertava elle tambem com os cravos de sua Cruz com tenção , & animo de se não apartar nunca de Christo crucificado. Em outras occasioens se mal tratava tambem da mesma maneira , mas isto não era senão quando lhe acontecia ter gosto demasiado no comer , ou no beber , ou em cousas semelhantes. Aconteceo hum dia que estando sentadas com elle duas donzellas em lugar publico , & diante de muita gente , por descuido lhes tomou as

mãos sem pretensão , nem pensamento mau ; mas bem depressa lhe pesou assaz , entendendo que não era razão passar tal cousa sem castigo. E assi em se apartando dali foisse ao seu oratorio , & deitando-se sobre a Cruz feriose de maneira nella por aquelle descuido , que cometera , que lhe ficarão todas as costas encravadas , & não contente com esta pena , tomou outra de não entrar , como se fora escomungado , no capitulo , a sua oração costumada , tendo pejo de hir a elle , como sohia depois de matinas , & juntar-se com os espiritos angelicos que sempre vinhão acompanhalo em suas meditações. Depois querendo já reconciliar-se com o Senhor , & absolver-se de todo desta culpa , castigouse primeiro horrendamente com muitos tormentos. Primeiramente lançado por terra aos pés do Iuiz que imaginava presente , feriose diante d'elle com a Cruz , & logo posto no meio da casa , & correndo particularmente os Santos , que fazia conta estavão à roda , feriose da mesma maneira trinta vezes de modo que lhe corria o sangue pellos hombros abaixo em abundancia. Assi purgou cruelmente aquella deleitação que lhe pareceo recebera desordenada. Acabadas as matinas , recolhido no oratorio do capitulo , em hum lugar apartado que costumava ,

mava, prostravase cem vezes com o rosto em terra, & beijava o chão, & outras tantas fazia o mesmo posto de joelhos, & pera cada vez que beijava o chão de huma maneira, & de outra, tinha suas particulares meditações. Daqui sahia sempre mui trabalhado; porque como trazia a Cruz fortemente apertada no corpo, & muito mais chegada, & cosida com a carne, do que andão as cordas que se atão em vasos pera servir, & como andando desta maneira se debruçava cem vezes pera beijar a terra; ao dobrarse metião felhe todos os cravos pella carne, & os mesmos ao levantar tornavão a sahir, & logo à outra inclinação fazião novas feridas, dando em outros lugares, que era cousa que na verdade lhe causava intoleravel dor, & martirio; que fora mais sofrivel quando não ferirão nunca mais que num sò lugar. Antes desta penitencia fazia outra primeiro. Tinha feito por suas mãos hum azorrague, & mandouo cobrir de huma parte, & doutra de humas pontas de bronze agudas como de furador, & do meio do azorrague pera diante sahião mais duas pontas, que ficavão pegadas com cada huma das primeiras, de maneira que vinha a ser cada huma de tres bicos, quando dava a pancada, & feria. Com esta disciplina, levantando-

tandose antes de começarem matinas, fe-
hia ao Coro diante do Santissimo Sacra-
mento, & disciplinavase asperamente por
hum bom espaço, & isto fez até que
foube que todos os frades o tinhão já
sentido, porque desde então cessou. Em
dia de São Clemente, quando começa já
a entrar o Inverno, lhe aconteceu huma
vez fazer huma confissão geral, & como
foi noite que tudo estava calado, fechou-
se na cella, & despindose de todos os
vestidos, ficando com as ceroulas de ci-
licio que trazia, acoutouse de maneira
até nas pernas, & braços, que o sangue
que delle corria não era menos que se fo-
ra de cutiladas de huma espada. Tinha o
azorrhague huma das pontas revolta, co-
mo gancho, ou anzol que tudo o em que
pegava da carne arrancava fora. Foi tal,
& tão aturada a força desta disciplina, que
lhe quebrou o azorrhague, & feito em
tres pedaços foi dar nas paredes da cella
ficandolhe outro pedaço nas mãos. Es-
tando pois assi todo envolto em sangue,
& olhando pera si considerava a misera-
vel figura de seu corpo, & muitas vezes
cuidava que arremedava bem ao vivo ao
mesmo Christo quando foi açoutado na
columna. Logo começou a chorar agra-
mente de huma compaixão de si mesmo.
E assi como estava nú, & banhado em
fan-

fanguê , & por aquelle frio do Inverno pondo os joelhos em terra , pedia a Deos que lhe perdoasse todos seus peccados. Depois disto outra vez em hum Domingo da Quinquagesima (que erão dias em que costumava tomar disciplina) estando os frades na mesa , metido na cella , & as roupas fora , se açoutou com a mesma deshumanidade ficando todo lavado em fanguê ; & querendo apertar de novo consigo com mais aspereza , acudio hum frade ao som dos golpes que dava com a disciplina , & assi parou por então , mas para sentir mais tormento lavou as chagas com sal , & vinagre. Em dia de S. Bento que foi o em que Fr. Henrique nasceu a horas de jantar , recolheuse em seu oratorio , & fechandose por dentro , despiose , & tomando nas mãos o azorrague , que temos dito , começou a disciplinar-se. No principio desta disciplina deu com o açoute no braço esquerdo , & tocando a vea delle , que chamão mediana , ou outra visinha rompeoa , & arrebentoulhe o fanguê com tanta furia , & abundancia que lhe corria até os pès , & alagava o sobrado. Logo lhe inchou o braço , & se lhe fez negro : do que ficando o Santo atemorizado não se atreveo a ir por diante. No mesmo tempo , & hora que assi se açoutava , huma santa donzella por nome

nome Anna, que estava em oração em outra cidade, foi levada em visão ao mesmo lugar, & vistos os temerosos golpes, que se dava, cheia de compaixão, chegou-se perto, & indo o Santo hũa vez com o braço estendido pera se ferir, ella se atravessou ao azorrague, de maneira que lhe pareceo que tomara todo o golpe em hum braço, & em fim tornando em si achou a pancada finalada no braço, & a carne ali pisada, & negra, & este final evidente por argumento certo, & verdadeiro das asperas penitencias de Fr. Henrique lhe ficou bem de verdade impresso nas carnes por muito tempo.

CAPITULO XVIII.

Da cama que o Beato Fr. Henrique usava.

Neste mesmo tempo ouve Frei Henrique às mãos huma porta velha que já não servia, & meteo-a na sua cella junto da cama, & costumava a dormir nella sem nenhum modo de cubertor: sòmente teceo por suas mãos huma esteira de junco bem delgada, que tinha posta sobre a porta, & nam lhe chegava mais que até os joelhos; pera a cabeça em lugar de ca-
beceira

beceira poz hum saquinho de palha de aveia , & sobre elle outra almofadinha bem pequena. Nenhuma cousa totalmente tinha das que servem , & se usam na cama , & deitava-se , & dormia de noite assi como andava de dia descalçando somente os sapatos , & cobrindoos com humma capa grossa , & assi era cousa mui piadosa ver o como jazia , porque a palha dura despois de amassada fazia felhe em novellos debaixo da cabeça. A Cruz com os agudos cravos pasavalhe as costas , os braços estavão amarrados , & fechados com chave em duas algemas , os lombos lastimados dos panos de cilicio. A capa cansavao com o pezo , a porta moiao com sua dureza , & frieldade , em fim jazia triste , & miseravelmente atribulado , & como hum cepo não se podia mover sem muito tormento , & se lhe acontecia virar-se com força sobre a Cruz vencido do sono encravava-se nos pregos , & agulhas até os ossos. Entre tanto tudo era gemer , & dar ais ao Ceo. No inverno passava muito mal por razão do frio. Porque estendendo os pés como era costumado , punhaos nús na porta nua , & quando os queria encolher por estarem enregelados com frio , & chegallos ao corpo , levantando pera cima os joelhos davãolhe caimbras nas pernas com alteração do sangue

gue que o atormentavão bravamente, & os mesmos pès se enchião do sangue pisado que a elles decia, & as pernas lhe inchavão como a hum hidropico, os joelhos trazia sempre pisados, & ensanguentados, os lombos dos panos de cilicio feridos, & apostemados. A Cruz feria nas costas, o frio demasiado gastavalhe a natureza, a sede secavalhe a garganta, & as entranhas, as mãos tremiãolhe de falta já de forças, & nestas affiçoens passava as noites, & os dias. Mas tudo isto sofria obrigado do immenso, & entranhavel amor que tinha à eterna Sapiencia, que he Iesu Christo Deos, & Senhor nosso, com cuja Paixão penosissima queria conformarse em alguma cousa. Depois deixando este modo de cama, passouse a hum muito pequena cella, onde tomou por cama o banco que nella servia de assento, que era tão estreito & curto, que se não podia estender nelle, & neste modo de prisaõ tão apertada, & na porta que temos dito se deitou oito annos continuos as vezes que avia de dormir, sem alliviar nenhuma cousa de todos os outros instrumentos de penitencia que usava, & tinha então por costume, quando se achava no mosteiro, não entrar em estufa depois de completas, nem se chegar a fogueira dos frades pera se aquestrar por mais incom-

comportavel que o frio fosse. E isto guardou vinte, & sinquo annos, se não era quando acafo lhe compria ir aos ditos lugares por outra occasião. Nunca nos ditos vintefinquo annos entrou em banho, nunca lavou os pès por recreação, ou por evitar defabrimentos de corpo delicado qual era o seu. Alem disto foi tão abstimente que nem em verão, nem inverno comeo mais de huma sò vez ao dia, & não sòmente não comia carne, mas nem peixe, nem ovos. Muitos annos teve tal cuidado de seguir a pobreza, que nem com licença, nem sem ella quiz tomar dinheiro, nem tocallo. Por muito tempo teve tal guarda na pureza espiritual, & corporal que se não cossava nem tocava em nenhuma parte do corpo mais que nos pès, & mãos.

CAPITULO XX.

Da temperança que o B. Fr. Henrique usava no beber.

HUm tempo se aprestava o Santo a fazer hum modo de penitencia a mais pesada, & rigurosa que podia ser: & foi limitar-se a cantidade certa de bebida por cada dia, & esta por extremo pequena,

quena, & pera a não acrescentar nem diminuir, estando no Convento, ou fora delle fez hum copinho daquella medida que levava consigo quando hia fora. E era tão pequena a quantidade, que pera sede grande não ficava mais que como hum trago pera remedear a muita secura da boca, como se pudera dar de agoa pera refrescar hum pouco a hum enfermo de febres ardentes, a quem se tolhe o beber. Alem disto deixou muito tempo de beber vinho, tirando dia de Pascoa que por honra de tamanha solenidade o sofria então. Avendo já muitos dias que vivia neste trabalho, & não querendo, como era riguroso pera si, aliviar-se delle, nem com agoa, nem com vinho, levantava os olhos ao Ceo num modo triste, & lastimoso. E aconteceu que fazendo isto hum dia sentio dentro de si huma inspiração ou voz de Deos, que lhe falava desta maneira. Lembrate, & considera como no ultimo fim de minha vida, estando eu affligido com as ancias da morte passei huma secura, & sede ardentissima, com hum pouco de vinagre, & fel, sendo minhas todas as fontes das agoas, como feitas por mi, com tudo o mais que serve pera uso, & sustentação. Assi pois convem se queres seguir minhas pisadas, que sofras, leve, & desafombradamente

as necessidades, & faltas em que vives. Hum tempo antes do natal, dando o Santo de mão a todo o genero de allivio, & descanso corporal, alem de suas ordinarias, & custumadas penitencias de muito tempo, empredeo outras tres. Primeiramente todas as noites despois de Matinas se punha em pé diante do altar mòr com os pès descalços sobre as lageas, & assi estava até amanhecer, & isto fazia quando as noites são mais compridas, & os frades se espertão mais cedo pera os officios nocturnos do choro. A segunda penitencia era não entrar, nem chegar a estufas, nem a outros lugares quentes nem de dia, nem de noite, nem ainda a aqueantar as mãos ao fogo indo para o altar, com quanto então as trazia cruelmente inchadas do frio que fazia rigorosissimo: assi todo enregelado com frio se hia despois de completas deitar a dormir sobre o seu banco, & logo despois de matinas ficava em pé diante do altar mòr sobre as lageas frias, & descalço até pela manham como temos dito. A terceira penitencia foi determinar-se de não beber totalmente em todo o dia, ainda que se visse demasiadamente apertado da sede, tirando ao jantar, que para então tinha sua medida taxada, que bebia, & assi quando vinha a tarde apertavao a sede tão cruel-

cruelmente, que todos seus sentidos estavam ardendo em desejos de beber. O que todavia o Santo reprimia profiando contra si, não sem muitas, & mui rigorosas dores. A boca se lhe secava por fora, & por dentro, da mesma maneira que acontece a hum enfermo de febre ardente. A lingua se lhe gretava tanto, que depois andou mais de hum anno sem poder acabar de farar della. Quando desta maneira se achava às completas, & se lançava a agoa benta como he costume, viravase com grande desejo com a boca aberta para o hitope a ver se lhe cahia acaso huma gotinha de agoa naquella seca lingua, com que tivesse algum pouco de refrigerio. Quando hia ao refeitorio fazer collação, em se assentando na mesa, ainda que estava morto de sede afastava de si o vinho, & algumas vezes levantando os olhos ao Ceo. Recebei, dizia, Pay celestial este liquor como em sacrificio de sangue de meu coração, & daio a vosso Filho Unigenito, que está pera espirar na Cruz affligido de mui rigurosa sede. Outras vezes alli sequioso como andava hia-se à fonte, & pondose a contemplar aquella agoa que corria com hum suave roido, & cahia em hum vaso estanhado por dentro, que a fazia mais clara, & fermosa levantava os olhos a Deos com lasti-

lastimosos suspiros arrancados das entranhas. Outras vezes chegando a estado que já não podia mais sofrer dizia a Deos do intimo de seu coração. O' bondade eterna, quam secretos são vossos juizos, que he possivel que vivo tão perto desse espaçoso lago de Constancia, & passaõ diante de meus olhos as cristalinas agoas do Danubio, & comtudo não hade aver pera mim hum sò trago de agoa? Grandissima miseria he esta! Esta ordem de vida continuou até Dominga, em que se canta o Euangelho que trata como o Senhor converteo a agoa em vinho. Estando este dia à tarde na mesa consumido de seus trabalhos não podia comer de pura fede. Tanto que se derão as graças recolheose de presa pera o seu oratorio, porque era tão intoleravel a vehemencia do mal que passava que já não tinha forças pera se poder ter, & começou a chorar derramando muitas lagrimas, fallando com Deos, & dizendo. O' Deos immortal que só conheceis os trabalhos, & as dores que elles causaõ, quam desaventurado naci neste mundo, pois sobejandome tudo quanto he necessario pera a sustentação da vida, com tudo he forçado que padeça huma tamanha, & tão terribel falta. No meio destas queixas pareceolhe que dentro em sua alma ouvia huma

humã voz que lhe dizia. Animo, animo, que cedo seràs alegre & consolado por Deos. Acabemse as lagrimas, valeroso lutador, & soldado de Deos. Não desfmaes, nem te trates mal. Com estas palavras cobrou tanto esforço que deixou de chorar por hum pouco espaço: & com tudo não se podia alegrar perfeitamente, mas estava de maneira que no mesmo tempo que lhe corrião dos olhos as lagrimas sentia interiormente humã cousa, que o forçava a rirse com esperanças de hum grande bem, & gosto que do Senhor muito de presa lhe avia de vir, desta maneira se foy a completas: a boca cantava, mas o coração tremia & entre tanto lhe parecia que cada vez estava mais perto a hora de se ver livre desta Cruz, como aconteceu pouco depois & ainda na mesma noite teve em parte principio, & foy desta maneira. Vio o Santo em revelação virse pera elle a Virgem nossa Senhora com o minino Iesu naquella figura, que representava quando era de sete annos, & vio que o minino Iesu trazia hum copo cheo de agoa maior alguma cousa, que os copos ordinarios, que servião no mosteiro, & que a Virgem gloriosissima o tomava em suas mãos, & lho vinha offerecer, pera que bebesse, & elle accitando bebia com grande gosto, & ma-
tava

tava a sede à vontade. Aconteceo naquelle tempo ir o Santo hum dia caminhando pelo campo & entrando por huma vereda estreita vio que pella mesma se vinha encontrar com elle huma molher pobre, mas honesta em seu parecer. Tanto que chegou perto della, deixoulhe o caminho enxuto, & meteose pella lama até que passou. A honrada molher voltandose pera elle, que quer dizer isto, dizia, Reverendo senhor, que sendo vòs sacerdote, & illustre por tal dignidade, me largastes com tanta humildade o caminho sendo eu huma pobre molher que com mais razão estava obrigada a fazer o que vòs fizestes? Eu, respondeo o Santo, tenho por costume fazer cortezia a todas as molheres em reverencia da Soberanissima Mãe de Deos, & Rainha do Ceo. Replicou a molher levantando os olhos, & as mãos ao Ceo. Peço eu, & rogo a esta mesma Senhora, a quem vòs tão de verdade reverenciaes em todas nòs outras as molheres, que não passeis desta vida sem alcançardes della alguma particular merce. Assim o queira, & faça, tornou elle, aquella serenissima Senhora, & Imperatrix do Ceo. Depois da visão dita, ainda que se lhe punhão diante licores de toda a sorte pera poder beber, com tudo seguindo seu costume, levantavase da mesa morto de

F

sede.